



Stand Correia
Jacinto Ferreira Correia & Filhos, Lda.

Num só espaço
TUDO PARA A SUA CASA

Mobiliário – Electrodomésticos – Mercaria
Mosaicos – Materiais de Construção

Fuseirinho

Viva
pequenada!!!
Que tal o
regresso às
aulas? Aposto
que já
aprendeste
muito e que já
tens novos
amigos.

PÁG. 1

Até dá gosto

*Gelado para
Amália*

PÁG. 10 *Orlita Botelho
Rafaela Cardoso*



Sampaio Rodrigues: médico, autarca e contador de estórias

PÁG. 6-7 *Hermano Teodoro*

A Ribeira Grande e o turismo I

*O Turismo é um
factor de
desenvolvimento
económico*

PÁG. III *Marco Sousa*

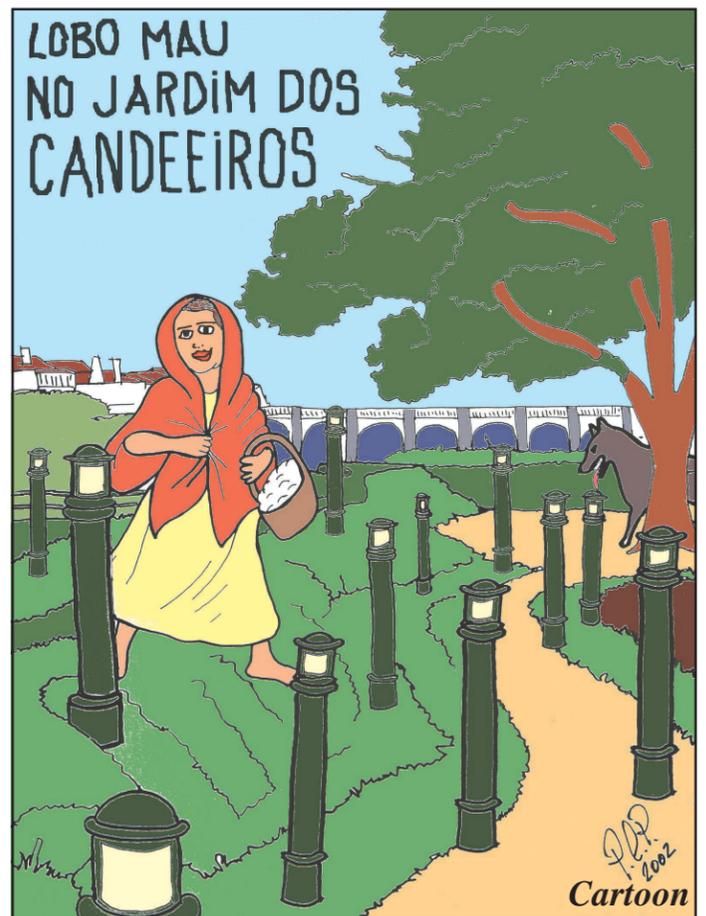


Doutor
**Luís
Andrade**

Depois do

11
de
Setembro

PÁG. 9 *Hermano Teodoro*



Nortadas

PÁG. 11

 **TOYOTA**



RUI & GASTÃO, LDA.
Praceta da Pranchinha, N.º 20
Telef. 296 304 900 - Fax 296 304 919
9500 Ponta Delgada



YARIS

Crie a sua história

Editorial

oliveiramoura@mail.pt



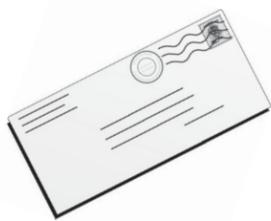
Levantar a cabeça, sair da fossa e acertar o passo?

São muitos os que sustentam, talvez fruto de uma auto-estima mais funda que a **fossa** do Mindanau, porventura *'a mais central das emoções políticas'* (Francis Fukuyama), que a Ribeira Grande terá passado da melhor Vila à pior Cidade da Região. Para sair da **fossa**, recomendam, com louvável lucidez, a ponderação de três *passos*:

Ou convencemos o Governo Regional a investir em força na Ribeira Grande, ou convencemos a Câmara a reforçar os seus investimentos, ou convencemos a iniciativa privada a multiplicar os dela.

Persistir só na primeira hipótese, ensina-nos o passado e aconselha-nos a presente conjuntura, não passaria de ingénua fantasia, pelo que nos arriscaríamos a *'marcar passo'*, insistir só na segunda seria, dada a amplitude da tarefa, arriscar a andar a *'passo de caracol'*, apostar a fundo na terceira, sem esquecer as duas primeiras, porém, seria avançar a *'passo de gigante'*. Assim, a Cidade, como *'cabeça e leme do corpo'*, dizem-nos, avançava e faria avançar o Concelho, a Ilha e o arquipélago de um modo porventura mais justo e equilibrado que o actual.

Não descortinando no horizonte imediato qualquer intenção de *'iniciativa divina'*, restar-nos-à *'levantar a cabeça, sair da fossa e acertar o passo?'* Que Deus, para os crentes, ou a consciência bem formada, para os não crentes, nos ajudem a encontrar o caminho certo.



Caixa do Correio

Li na Caixa do Correio do 'A Estrela Oriental' de Agosto a eloquente resposta da Directora Comercial dos CTT/Açores, Ana Martins, acerca da queixa, uma entre muitas, dos utentes da Ribeira Grande e pasmei. Li notícia no *Açoriano Oriental* de 30 de Julho acerca dos critérios que levaram os CTT/Açores a construir um novo edifício em Angra do Heroísmo e fiquei boquiaberto. Dizia a referida notícia: *'O edifício actual está localizado no centro histórico de Angra e vamos mudar no sentido de deixar de congestionar tanto e sofrer as consequências de estarmos implementados [sic] no centro da cidade'*. Esclarece Ana Martins.

Perguntar-se-ia à D. Ana Martins se o mesmo critério se aplica à Ribeira Grande? Sabemos que dentro em breve entrará em funcionamento um Banco Postal em todos os balcões dos CTT, sabemos que os CTT, ao contrário de há uns anos a esta parte, quando só distribuíam cartas e encomendas e estabeleciam ligações telefónicas. Hoje fazem de tudo. Em 22 dias úteis, mais de 50% dos dias, o espaço pouco mais do que um minúsculo quarto e acanhado quarto transborda para o exterior, o serviço é lento, queixam-se comerciantes e demais utentes, mas nada move ou parece comover a lógica comercial dos CTT. D. Ana Martins, aquele edifício não tem dignidade de Aldeia muito mais de Cidade. Outrora quando eram só cartas e encomendas, além daquele posto existiam outros dois mais pequenos em Santa Bárbara e Ribeirinha agora com mais serviço temos um como se vê.

Enquanto se aguarda a construção de raiz, sonho dos ribeiragrandenses, por que razão não introduzem uma maquina de senhas e algumas cadeiras para os mais necessitados se sentarem enquanto aguardam a vez?

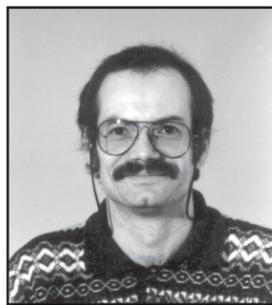
L. Ferreira

Pelos argumentos que produz, não nos parece que Vasco Garcia, Reitor da Universidade dos Açores, ('O Cesto da Gávea,' Correio dos Açores, 1 de Agosto de 2002), Juiz em causa própria, ao discorrer sobre a Lei Lynce, para alguns uma corajosa 'pedrada no charco' no pântano do nosso ensino superior, tenha desferido a estocada final à pretensão da Ribeira Grande em ter um Politécnico. Porque os dois mais sérios argumentos aí invocados, finanças e demografia, ainda que constituam sérios óbices, não devem excluir os argumentos, não menos sérios, da necessidade de distinção entre aqueles dois ensinos superiores, e a necessidade vital de os Açores disporem de ambos. Assim, Sr. Vasco Garcia, concordámos com quase tudo do seu lúcido diagnóstico, finanças, qualidade de ensino, abaixamento da população escolar, duvidámos tão-só da panaceia recomendada, mas, por certo, concordaríamos com ela, caso nos explicasse convincentemente o seguinte: por que razão os ensinos Politécnico e Universitário vicejam nos demais países civilizados, ao que parece, vivendo problemas semelhantes aos nossos, entre outros os de cultura anglo-saxónica, e não em Portugal? Seria bom que confrontasse os seus argumentos com os que têm vindo ultimamente a lume no 'Le Monde Diplomatique' (4.08.2002) e 'Público' (23.08.2002).

F. Oliveira

Plantas Usadas na Medicina Popular (16)

Maria-Luisa



Planta muito cultivada nos quintais e muito utilizada por causa das suas propriedades sedativas. Contudo, de acordo com o livro "Segredos e Virtudes das Plantas Medicináveis", editado, em 1988, pelas Selecções do Reader's Digest, o seu uso prolongado é desaconselhado por poder provocar perturbações gástricas.

Família - Verbenaceae

Nome científico - *Lippia citriodora*

Outras designações - Lúcia-lima, limonete, Erva-limão, Doce-Lima

Identificação - Arbusto de origem chilena, ramoso, com folhas lanceoladas e muito aromáticas.

A Maria-Luísia é uma planta cultivada em quintais e jardins

Utilização - De acordo com Silvano Pereira (1953), "a infusão das suas folhas e flores é usada como calmante"

No inquérito que efectuámos em 1992, no concelho da Ribeira Grande, Maria-Luísia era usada "para os nervos", no Pico da Pedra, "para o coração", no Pico da Pedra, na Maia, na Lomba da Maia, na Ribeira Seca e no Porto Formoso e para as "dores de barriga", na Maia.



Ficha Técnica:

Jornal Mensal | Propriedade: **Cooperativa Mãe d'Água, C.R.L. | Publicidade:** Luís Faria - 919020517 | **Paginação:** Francisco Veloso | **Tratamento de Texto:** Marília Dias, Carlos Arruda

Director: Oliveira Moura

Director-adjunto: Melo Teodoro

Colaboradores: Alexandre Gaudêncio, António Valdemar, Carlos Alberto, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Emanuel Martins, Fátima Borges, Fernando Silva, Ferreira Moreno, Gilberto Bernardo, Hermano Aguiar, João Teixeira, João Miguel Fernandes Jorge, Juvenálio Rego, Luís Noronha, Manuel Bernardo, Mariano Alves, Onésimo de Almeida, Oflia Botelho, Pe. António Rocha, Pe. Edmundo Pacheco, Pedro Câmara Pereira, Pedro Paulo Silva, Rafaela Cardoso, Rui Ponte, Teófilo de Braga

Colaboradores Fuseirinho: Filomena Moura, Gisela Correia, Carina Sousa

Contribuinte N.º 512 060 398

Número de Registo: 123813

Centro Cultural de Ribeira Grande

Apartado 6, 9600 Ribeira Grande

e-mail: estrelaoriental@portugalmail.pt

Telm. 963560639

Depósito Legal N.º: 166371/01

Impressão: Coingra

Parque Industrial de R. Grande

Tiragem 1500 exemplares



Porte Pago

Região Autónoma dos Açores

api
Associação Portuguesa de Imprensa

Uma luz na escuridão



Serviu-me de inspiração para este artigo, um editorial muito acutilante do meu querido amigo Dr. Mário Fernando Oliveira Moura,

director deste Jornal, aproveitando o decurso do Campeonato do Mundo de 2002 na Coreia / Japão, sobre o tempo em que também ele atleta, foi capitão da equipa que se sagrou campeã de futebol do Liceu Antero de Quental. Fomos colegas nessa e noutras Jornadas gloriosas. Lembro-me que ele fez as duas assistências para dois dos nossos 3 golos, um marcado por mim próprio, outro pelo Dr. Humberto de Sousa Costa, natural das Capelas (terra de gente “boa de bola”, dos irmãos Vicente do União Micaelense, do Manuel António do Santa Clara, etc...) hoje director clínico do

Hospital Divino Espírito Santo.

O nosso guarda-redes defendeu tudo o que havia para defender nesse jogo inclusivamente os remates prodigiosos do Carlos Maia, hoje advogado, que era então o “George Best” de S. Miguel, o melhor jogador do Sporting Ideal desta mui nobre cidade da Ribeira Grande.

O nosso guarda redes era Carlos César, hoje Presidente do Governo Regional dos Açores.

César era um guarda-redes corajoso, voava para a bola qualquer que fosse o piso (mesmo de cimento) ou saía aos pés do avançado mais sensível e era muito seguro de mãos.

A vida, como quase sempre faz, separou-nos a todos.

O tempo foi, desde então, fazendo a sua obra nos homens e os homens de hoje, crianças de ontem, vão fazendo a(s) sua(s) obra(s) no tempo.

Nem o Pauleta quando remata, nem o Eusébio quando rematava, tinha ou tem a certeza de que ia ou vai fazer golo.

É mais fácil quando se tem talento, quando se acredita no lance, mas aparecem aqueles dias em que a baliza parece estar fechada “a cadeado”.

O jogador é como o pescador, que no mar, a sul ou a norte, procura o golo, o pão, a sorte, e, às vezes, encontra o poste, a desgraça, a morte.

Os treinadores de futebol dizem muitas vezes, quando perdem, que lhes faltou nesse jogo a “estrelinha”. Como se as estrelas guardassem o sonho dos homens.

Como se grande parte do mérito das nossas vitórias ou do demérito das nossas derrotas nos desafios da nossa vida, não dependessem de nós, do nosso suor, do nosso empenho.

Naquele jogo de que falou o meu amigo Mário Moura, que escolheu *A Estrela Oriental* para título do Jornal que dirige, quem marcou o golo da vitória foi o Luís “louro”, num magnífico golpe de cabeça a 2 minutos do fim, logo o louro que nunca rematou de cabeça e era defesa, foi fazer um “golo de bandeira”. Aquele “golão”

foi uma luz na escuridão, um céu azul que se abriu aos nossos corações juvenis.

Que saudades meu amigo Mário Moura! A lição que aprendi nesse Jogo e que guardei para a minha vida começa e acaba assim: só a esperança do homem é eterna, só ela se pode comparar na intimidade do brilho, ao fulgor das estrelas.

O destino de cada homem está escrito nas estrelas. Na vida nem todos podem ser grandes, nem todos podem ser vencedores.

Sonham com as delícias eternas do céu, mas temos de nos contentar com as efémeras alegrias da terra.

Como na vida, também, às vezes, à noite não vemos estrelas no céu.

Temos que provar o sal das lágrimas, os nossos olhos têm que passar pela escuridão de cada noite antes de receberem a luz do sol de cada dia.

Pedro Paulo Silva

A carreira brilhante dos Irmãos Botelho Vieira



Têm sido já muitos os motivos de alegria aqueles que os Irmãos Botelho Vieira têm dado aos ribeirão-grandenses pelos triunfos alcançados e pela persistência que demonstram no estudo e na ânsia de saberem cada vez mais.

O Rodolfo e a Marta estão presentemente a frequentar, em Guimarães, os VI Cursos Internacionais de Música, sob a direcção do célebre violinista Gerardo Ribeiro. Há poucos dias, a Diana e a Ana, respectivamente, em piano e em violoncelo, participaram no IV Curso de Música de Fralães (Barcelos), tendo sido a directora a prestigiada violoncelista Madalena Sá e Costa. Ambas estiveram na audição final e há que salientar o facto de a Ana ter participado num conjunto de música de



Marta, como solista, no Teatro do Funchal

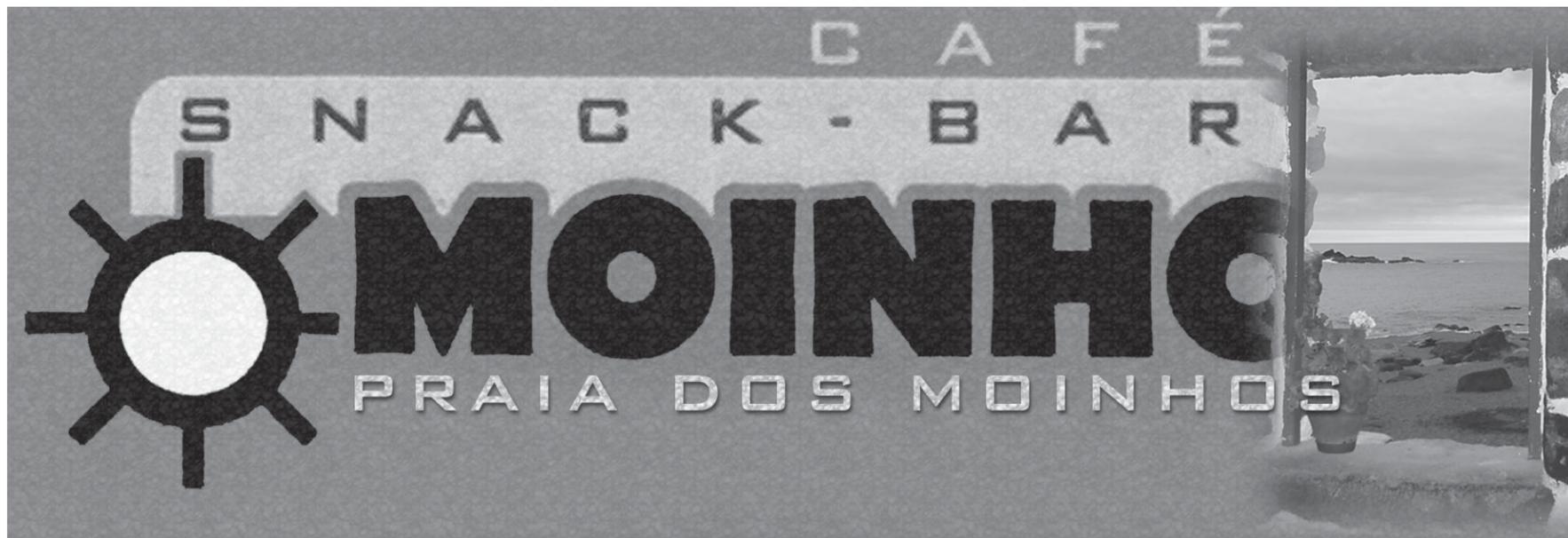
câmara, orientado pelo prof. Rysgard Woycicki. No ‘Prémio Jovens Músicos 2002’, Rudolfo alcançou o 2.º lugar, não tendo sido atribuído o primeiro. O Concurso foi realizado pela RDP – Antena 2, em Lisboa, e teve nível superior de violino. Convém recordar que este jovem ribeirão-grandense faz parte da Orquestra Académica Metropolitana que realiza concertos

mensais em diversas Cidades do Continente e também na Câmara de Santarém. Esta orquestra, com oitenta e cinco figurantes, actua, neste final de Setembro, na Ribeira Grande (no dia 27), em Nordeste (28) e em Vila Franca do Campo (29). No 1.º Curso de Verão de Orquestra, que teve lugar no Funchal, com o apoio do Governo Regional da Madeira, a Marta foi solista,



escolhida entre cinquenta e cinco alunos de vários Conservatórios do país. Ela executou o concerto para violino e orquestra de Bach em mi maior (1.º andamento). A sua irmã, Ana, também participou neste curso, dirigido pelo jovem maestro Rui Massena. A Diana, ao piano, participou com o pianista Paulo Pacheco no Concerto Inaugural de Piano, em Vila Franca do Campo. A estes jovens, bem como a seus extremosos Pais, Professora D. Nélia Ribeiro Botelho Vieira e Eng.º António Tavares Vieira, as nossas efusivas felicitações por tantos êxitos na sua já brilhante carreira musical.

E. Manuel



RESIDENCIAL
RIBEIRA GRANDE
RESTAURANTE-SNACK-BAR-CAFETARIA

Cherne na telha
Espetada de espadarte c/ gambas
Rojões com ananás grelhado no espeto
Bife à Residencial

R. dos Condes da Ribeira Grande
Tel.:296 473 488 | Fax: 296 473 878 | TLM: 917 889 858

OS GRADES
SNACK BAR

Na Galeria Comercial
do Hiper Modelo na
Ribeira Grande
Tel 296 474 559

Atendimento Rápido
Serviço de TAKE AWAY
Especialidade da Casa
Comida Caseira e Saladas
Aceitamos Encomendas

Com a sua imaginação e a nossa capacidade damos forma à qualidade

Somos pioneiros na serração de basaltos

Britas e Sarriscas

Areias

Aluguer de máquinas e camiões

Sede: Largo do Rosário, 129 • Tel. 296 472 375 • Fax 296 472 926
Inst. Industriais: Rochinha Preta • Tel. 296 472 824

JOSÉ DÂMASO E FILHAS LDA.

A. Machado
Na Compra e Venda de
Propriedades quem decide é **VOCÊ**

296 30 26 50

REF^o 1206 - CASA
Rabo de Peixe

Já se iniciou a construção no lote 4 de moradia de rés do chão e 1º andar, hall, sala comum, cozinha, despensa, quarto de banho, quarto de máquinas, garagem, jardim, quintal. 1º Piso com três quartos e quarto de banho.
Preço: 122 206 €
24.500.000\$00

Rede Imobiliária **On-Line:**
Regional: WWW.AMACHADO.PT
Nacional: WWW.APEMI.PT
Internacional: WWW.FIABCI.COM

REF^o 1349 - CASA
Rabo de Peixe
Total: 496 m2
Superfície Coberta: 246 m2
Quintal: 250 m2

Casa com Estabelecimento Comercial. Rés do chão com café composto por sala, 3 w.c., amplo salão de jogos, pequeno armazém e garagem. 1º Piso constituído por dois quartos de sala, cozinha, galeria, 2 w.c., três quartos de cama, amplo terraço, e balcão. Com quintal com ampla frente para a rua, possibilitando a construção de casa ou comércio.

Rua do Provedor, 11 - 9500-236 Ponta Delgada
Fax. 296 30 26 59 - INFO@AMACHADO.PT

MEDIAÇÃO
MEDIAÇÃO + SEGURA

www.nn-seguros.com

Natalícia Maré
Nuno Silva

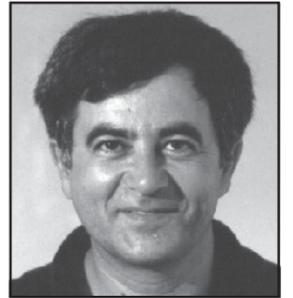
Mediação de Seguros, Lda.
Rua do Passal, nº17B - 1ºPiso
9600 Ribeira Grande
Telef.: 296 473666

Escolha a melhor opção

Ponte precisa de tratamento, mas...

O trânsito sofre de doença crónica

noronhabotelho@mail.telepac.pt



De quem é a culpa ?

Não nos interessa acusar ou defender pessoas ou instituições, motiva-nos a indicação de um problema e contribuir para se pensar em soluções.

Estamos convencidos que não existe uma solução para os problemas do trânsito na Ribeira Grande, mas sim várias soluções, conforme cada caso.

A fluidez de trânsito não existe – **padece de obstipação crónica**, (prisão de ventre) como na Rua da Praça, onde não se consegue o



milagre de estacionar e manter dois sentidos de trânsito.



Ou na Rua Direita onde se estaciona de ambos os lados e se circula ao centro.

Não é por falta de lugares de estacionamento no parque da Rua do Alcaide.



A Rua Luís de Camões continua com estacionamento a qualquer hora, apesar do trânsito em dois sentidos, incluindo dos autocarros de passageiros.

Bem perto, o parque do Mercado



permanece vazio, enquanto se estaciona na Rua do Estrela, mesmo ao lado.



Quatro faixas na Ribeira Grande:



Na Rua das Freiras é necessário criar quatro faixas – duas para estacionar e outras duas para circular nos dois sentidos. Mas não é a única - no centro da cidade, são várias as ruas problemáticas e onde são necessárias quatro faixas.

Rua do slalom:



A Rua dos Foros é outra das que precisaria de quatro faixas, mas que tem a particularidade de treinar os condutores vocacionados para gincanas, devido ao slalom que têm de fazer mudando de faixa conforme o lado do estacionamento.

Aqui, como na Rua do Espírito Santo, a proximidade dos edifícios escolares devia obrigar a que houvesse o mínimo de disciplina.



A Ponte e o diagnóstico:

É impossível alargar as ruas, afastando as casas, para circular e estacionar. O remédio poderia ser limitar as ruas do centro a um sentido único de circulação.

Mas, pelo contrário, pretende-se, embora como medida de emergência, até à conclusão da variante até à fábrica do linho, introduzir os dois sentidos numa parte da Rua Direita.

A Ponte dos oito arcos não foi construída para circular em carros, muito menos camiões pesados e ninguém pode garantir, pelo contrário, que este não causa efeitos negativos.

Foram feitas **recomendações** para **garantir a saúde da Ponte:**

- um pavimento novo para evitar trepidações - já foi colocado;
- tapar as juntas entre as pedras limitando as infiltrações de água e crescimento de plantas, para evitar a erosão;
- disciplinar o curso da ribeira de forma a correr junto das sapatas evitando o desgaste da parte mais estreita dos pilares;
- limitar o trânsito de camiões pesados, para evitar a pressão sobre a ponte. Desde que se cumpram estas recomendações, poderemos contrariar a psicose da ponte de Entre-Os-Rios.

Mas não compreendemos que sirvam de justificação para obrigar a haver dois sentidos de trânsito na maioria das ruas, incluindo a rua Direita!

Deixai vir a mim os automóveis?

A frase Bíblica refere-se às



criancinhas. Mas parece que os tempos fizeram mudar os afectos ...



Os automóveis não ficariam tão longe do lugar de culto, porque o parque do Passal tem **os lugares todos** à disposição para estacionar.

Até o senhor Pároco poderia contribuir com os seus conselhos para que os paroquianos utilizem um parque que está ali tão perto e, tal como os outros, foi construído para servir a todos e nem são pagos ...



Podia evitar-se a situação de empurrar os peões, incluindo invisuais, para as vias de trânsito, por não poderem andar nos passeios.

As imagens, supõe-se, valem por mil palavras.

A qualidade de vida na nossa cidade merece que todos façamos um esforço para ordenar o que está caótico.

Diálogos Hermano Teodoro

Sampaio Rodrigues: médico, autarca e contador de *estórias*



Natural do Vale de la Mula, nome espanhol, Concelho de Almeida, Distrito da Guarda, Joaquim Forte de Sampaio Rodrigues, nasceu a 10 de Julho, ano de 1916. Fez os estudos primários na sua aldeia natal, comunidade, ao tempo da sua meninice, com características, segundo ele, ainda medievais. Seguidamente, ingressa no Colégio de Padres Beneditinos na cidade de Lamego. No Liceu da Guarda concluiu os estudos liceais. Em Coimbra, entre 1940 e 1946, cursou Medicina, curso interrompido para cumprir o serviço militar [1941-43]. Estávamos em plena II Guerra Mundial. É como militar, Oficial Miliciano de um Batalhão Expedicionário, que, pela primeira vez, conhece a Ribeira Grande. Da ex-Vila, dos anos quarenta, recorda traços que considera serem de natureza primitiva. Todavia, nela havia de se enamorar pela sua esposa. Ainda estudante, sente que a PIDE o tem sob os seus olhos. Findo o Curso de Medicina, regressa à Ribeira Grande. Foi Médico na freguesia da Maia e no Hospital de Ribeira Grande, vindo aqui a exercer os cargos de Director Clínico e de Delegado de Saúde do Concelho. Ainda na Ribeira Grande chegou a desempenhar os cargos de Juiz da Comarca e de *Presidente de uma Comissão Administrativa Municipal* [1974-76]. No pós-25 de Abril aderiu aos ideais independentistas açoreanos, já que a *confusão gonçalvista* o proporcionava. Reformou-se no ano de 1986. Porém, ainda não deixou de exercer medicina. Já em idade avançada, e inesperadamente, vai lembrando a sua vida contando *estórias*.

Ribeira Grande durante a II Guerra Mundial *Traços do seu quotidiano*

HT - Sabemos que muito se orgulha da sua terra de origem. Tanto é que nunca hesitou em visitá-la vezes sem conta, talvez motivo para que as suas memórias de infância e de adolescente ainda estejam muito activas. Quer recordar um pouco dessa aldeia da sua meninice?

JS - Costumo dizer que conheci a vida e os costumes da Idade Média. Nasci numa aldeia primitiva, na Beira Alta. As aldeias da Beira Alta eram das mais atrasadas do País. Não tinham absolutamente nada, nem luz, nem água canalizada, nem sequer casas de banho, não as havia mesmo nas casas ricas. Havia umas casinhas ao fundo do quintal, improvisadas em madeira que serviam de retrete. Portanto, era tudo muito primitivo. Os próprios costumes eram muito diferentes: as mulheres na minha aldeia não saíam de casa, limitavam-se a criar os filhos e a fazer as lides da casa; iam à missa e nunca mais saíam. Elas nunca iam para a freguesia vizinha, nem sequer para a sede do Concelho, para uma festa, ou uma feira. Todas as mulheres usavam xaile e lenço e nenhuma podia cortar o cabelo. Lembro-me de uma prima, que era professora, um dia aparecer com o cabelo cortado na minha aldeia. Foi considerada uma prostituta. Era tudo muito diferente daquilo que é hoje.

HT - A Ribeira Grande, em especial a ex-Vila, quando, já adulto feito, a conheceu pela primeira vez, certamente, possuía traços idênticos aos da sua terra natal. Que retém dessa Ribeira Grande dos anos da II Grande Guerra?

JS - A Ribeira Grande também se encontrava numa fase muito primitiva. Era uma Vila com uma vida deveras monótona. Não se via ninguém nas ruas, só aqueles que tinham alguma coisa para labutar. Quando aqui cheguei só havia 15 ou 20 telefones, todos perto uns dos outros, ligados por uma linha ao edifício dos *Correios*. Só existiam dois automóveis de aluguer e meia dúzia de automóveis particulares. As estradas eram todas de terra, a rua principal da Vila era calçetada, calçada à portuguesa, creio que entre a igreja dos Frades e o Jardim Municipal. Não se saía para passear. As famílias eram muito unidas: os filhos não se separavam facilmente dos pais, em especial, as meninas. Estas nunca saíam de casa. Só saíam acompanhadas. No Verão iam para o Jardim Municipal. Lá é que se

iniciavam os namores. No primeiro Sábado que nós militares aqui passámos, estávamos à espera das meninas no Jardim quando elas não apareceram. Perguntámos por que razão as meninas não apareciam. Responderam-nos porque era dia de banho. O banho era ao Sábado. Só se tomava banho uma vez por semana e era considerado um excesso de higiene quando se tomava banho à Quarta-Feira e ao Sábado. Não saíam, porque havia a ideia de que as doenças estavam todas ligadas ao frio. As mulheres que coziam o pão em casa, quase todas as casas tinham forno a lenha, só saíam dois dias depois do pão cozido, e mesmo assim se surgia qualquer dor ou adoeciam diziam que saíam cedo demais. Portanto, isto era tudo muito primitivo.

Medicina de ontem, medicina de hoje

HT - Reconhece que a medicina da sua formação já nada tem a ver com a medicina de hoje. Estamos a falar de medicinas com bases tecnológicas e farmacológicas diferentes. A mais de meio

ças, por exemplo, a tosse convulsa e o sarampo, evoluíam como *Nosso Senhor* queria. Nós não podíamos fazer absolutamente nada. Sobre a febre tifóide, doença que dá nos intestinos, até faz perfurações, lembro-me que, antigamente, havia a ideia de que era necessário pô-los em sossego e, portanto, não dar comida nem água. Os doentes desidratavam, ficavam mirrados e morriam. Morriam porque não eram alimentados convenientemente. Muitas vezes uma epidemia de febre tifóide arrasava metade de uma freguesia. Essas doenças infecto-contagiosas evoluíam naturalmente. Nós pouco podíamos fazer. Não havia antibióticos. Davam-se xaropes para a tosse quando era uma pneumonia. Não se fazia mais nada. Imagine que nem tínhamos soro. Foi o Aníbal, que era empregado da Farmácia do Hospital, que começou a fazer soro. Ele tinha aparelhos de destilar água, de zinco ou coisa parecida, que produziam soro. Este era feito na Farmácia com água, sal e açúcar. É claro que era um soro cheio de elementos patogénicos, o qual não era possível injectar por via intravenosa,



Sampaio e esposa, Maria Antónia

século de distância como vê medicina que lhe forneceu as bases para o exercício da sua profissão?

JS - Posso dizer que sou do tempo onde ainda não existiam antibióticos. O primeiro antibiótico que apareceu estava eu no 5.º Ano de Medicina: foi a penicilina, que vinha dos Estados Unidos da América por especial favor. Havia uma série de doenças infecto-contagiosas que não tinham qualquer remédio. Amparavam-se às vezes fazendo-se asneiras. As doenças das crian-

tinha-se que dar por via subcutânea, caso contrário dava reacções brutais.

HT - Quando se dá essa grande viragem no sentido de uma *nova medicina*?

JS - Essa viragem começou na altura em que me formei, chegando a Portugal com largos anos de atraso. Posso dar-lhe o exemplo da grande viragem ao nível dos serviços de Obstetrícia e de Pediatria. Aqui não havia nenhum Pediatria nem Obstetra. Os Clínicos Gerais é que faziam os partos. A mortalidade infantil era, quan-

Diálogos Hermano Teodoro



Convívio com amigos de Curso

do aqui cheguei, de 180 em 1000 que morriam no espaço de um ano. A certa altura, para se evitar a mortalidade infantil, aí por volta de 1959-60, organizou-se uma rede de Dispensários e em cada Concelho uma Casa de Maternidade, aquilo que se chamava da Natividade. Vieram do Continente Enfermeiras e Parteiras. Os Clínicos Gerais foram a Lisboa. Andei numa Maternidade, a Alfredo da Costa, observando situações. Depois dirigi aqui uma Casa da Natividade com 25 camas, no Largo das Freiras. A mortalidade começou a diminuir, chegando a 60 por 1000. Hoje, têm-se os filhos em sector especializado, com um Obstetra e um Pediatra presentes e com muitos mais meios. Actualmente, a mortalidade infantil está reduzida para 6 ou 7 por 1000.

HT – Nessa viragem a Técnica havia de se revelar crucial. Caso até para se falar em *milagres*, ou não será?

JS – A Técnica tem uma grande importância no tratamento e na conservação da saúde das populações. Pena nós estarmos sempre atrasados em relação aos outros países. Dou-lhe um exemplo curioso. O Senhor Álvaro Moura, pai do Director do Jornal *A Estrela Oriental*, foi operado a um tumor maligno num rim, para aí há 25 anos. Foi operado em França. Começou por fazer um TAC, depois foi-lhe recomendado que tinha que repetir aqueles exames periodicamente. Ele ia à França de ano a ano repetir os exames, porque cá não havia o *aparelho* adequado. Não havia cá nem havia em Lisboa. Durante anos iam fazer esses exames a França, e pagos pela Assistência, porque não havia esse *aparelho* que hoje é indispensável em toda a parte. Portanto, está a ver, na França isso já existia há vinte e tal anos. Com a Técnica fazem-se autênticos *milagres*. Ainda há dias vi na televisão o Professor Antunes utilizando uns eléctrodos para dar visão a um cego. Porém, ainda falta muita maturação na utilização dessas grandes vantagens da Técnica junto da Medicina.

HT – Com todo esse manancial tecnológico à disposição do Homem é da opinião de aquilo que, vulgarmente, se chama *natureza humana* possa vir a ser modificada?

JS – Isto é muito complicado. Penso que o homem nunca conseguirá uma explicação e controlo totais sobre a natureza humana. Como é que os órgãos são formados? Por que é que são extraordinariamente diferentes de qualquer coisa que o homem possa inventar? Note que um fígado não é reproduzível, um coração não é reproduzível, e até mesmo os tecidos não são reproduzíveis. O Homem pode pintar trinta por uma linha sobre embriões, mas o fundamental ficará por fazer que é a capacidade de criar. Aqui entramos num mundo muito complexo e difícil de aceder.

HT – Talvez no mundo de Deus. Acredita em Deus?

JS – Não.

25 de Abril e a independência dos Açores Presidente da autarquia ribeiragrاندense

HT – Em Setembro de 1974, foi nomeado Presidente de uma Comissão Administrativa Municipal. Assumiu a missão até Dezembro de 1976. Que critérios é que foram utilizados para que o Senhor e a sua equipa de Vereadores fossem nomeados?

JS – Os meus companheiros eram homens inteligentes. No meu caso penso que se deveu ao facto de nunca ter sido adepto de ditaduras, em pormenor da do Dr. António Oliveira Salazar. Estive sempre no contra. Cheguei a ser incomodado pela PIDE, logo após cumprir o serviço militar, ainda estudante. Recusaram-me uma viagem para São Miguel. Mas superei a situação requerendo uma autorização ao então Ministro da Defesa Santos Costa. Foi um *bofetão na Pide* como narro numa das minhas *estórias*. Sabe quem foi que me recomendou ao então Governador Civil? Um homem que era meu amigo e que conversava muito comigo: o Dr. João Gil da Ponte, da freguesia de Ribeira Seca. Ele tinha aqui muita importância. Na altura, era das esquerdas. Costumávamos tomar café, ali no antigo *Café Paraíso*, numa mesa que era vigiada pela PIDE, chamada *mesa da oposição*, a qual curiosamente, depois do 25 de Abril, continuou a ser a *mesa da oposição*, mas da parvoíce dos Capitães.

HT – Que tipo de dificuldades encontrou enquanto liderou a Câmara?

JS – Foram tempos de muita confusão. Toda a gente entrou a reivindicar coisas. Eram os funcionários que queriam o salário mínimo. Vinham disposições governamentais para que se passasse para o salário mínimo, contudo, era só palavreado, já que as verbas nunca chegavam. Às vezes, havia manifestações, outras vezes eles reuniam e, depois, vinham ter comigo propondo-me coisas irrealizáveis. Foi uma época com grande enchente de legislação. Até alguma que mandou queimar toda a literatura a favor do Salazar, ou seja, relacionada com o Estado Novo. Nunca cheguei a perceber por que é que também mandaram queimar literatura sobre Santo António. Digo que nunca mandei executar tais ordens.

HT – No caso do Concelho, em pleno ambiente de convulsão política, como é que foi a reacção da população?

JS – A população não se manifestava muito. Estava um pouco atrapalhada. Porém, quem ia lendo os jornais reivindicava. Depois apareceu a febre do *esquerdismo*. Toda a gente passou a ser esquerdista.

Todos queriam fazer coisas extraordinárias, na minha opinião, exageros. Aqui, durante muito tempo, não se sentiu isso. Mais tarde, apareceu o Partido Comunista que começou a organizar-se. Todavia, a situação começou a inverter-se. A sede do Partido chegou a ser incendiada em Ponta Delgada. A população expulsou o Governador Civil, o Dr. António Borges Coutinho. Obrigaram-no a demitir-se. Era um homem das esquerdas, um fidalgo descendente do Marquês da Praia e Monforte. Trabalhei com ele. Para mim era uma pessoa equilibrada. Na Ribeira Grande, o Dr. Manuel Barbosa, um homem de esquerda, também foi expulso; foi agarrado e levado para um avião. Viveu uns anos no Continente.

HT – Nesse contexto também se levantou a questão da Independência dos Açores. Que comentário é que faz a essa situação?

JS – Na altura houve de facto uma corrente pró-independência, que eu mesmo fiz parte, motivada pelo ambiente político-partidário insuportável que se assistia. Estive em algumas reuniões com o Dr. José de Almeida. Nunca fui um activista por aí além mas aceitava perfeitamente o que se pretendia. Não podia aceitar as *cowboyadas* que se passavam em Lisboa. Os Capitães assaltando quartéis. Enfim, pela desordem que por lá passava. Aquilo era inaceitável, até pelo perigo de se instalar um *regimen* comunista.

HT – Admitindo a possibilidade de uns Açores independentes, que base ideológica teria um Governo dessa suposta independência?

JS – Seria um Governo de Centro Direita. Toda a gente que preconizava isso era sossegada. O próprio Dr. José de Almeida é um homem equilibrado e conservador, não era homem para ditaduras. Nessa altura, não se pensava em ditaduras, isso estava

excluído. Era de facto uma Região que vivia valores tradicionais, com muitos hábitos de sossego e de respeito.

Contador de estórias

HT – A escrita aparece na sua vida tardiamente, porém, levando-o a publicar, para já, dois livros: *O insólito na Vida de um Médico* [1993] e *A face Prosaica da Prática Clínica* [1996]. Como descobriu essa capacidade de contar *estórias* e com apurado sentido de humor?

JS – Escrevia para o Jornal do meu Curso, *O Bacteriófago*, coisa para trinta ou quarenta pessoas. Escrevia com algum à vontade, precisamente por isso. Um dia levei uns jornais para o Café apareceu na mesa o escritor Daniel de Sá que leu e que me pediu para lhe mostrar o que já tinha escrito. Ele nunca mais sossegou até eu verter tudo em livro. Ele ajudou-me na publicação. Mas a coisa começou assim. Um dia, numa reunião de Curso, um discípulo lançou ideia do Jornal para sabermos sobre a vida uns dos outros. Cada um de nós mandava ao Jorge notícias e ele compilava aquilo tipo *boletim* e mandava para todos nós. Quando começou a escassear a colaboração de notícias o Jorge pediu-me que escrevesse alguma coisa sobre a minha vida profissional. Inicialmente, não quis. Mas foi aí que comecei a escrever *estórias*. Foi um tempo muito bom porque eu andei a fabricar *estórias* pelos caminhos. De noite acordava e fabricava uma *estória*. Criei um entusiasmo louco. O Jornal durou dez ou doze anos. Acabou com a morte da esposa do meu discípulo.

JOSÉ DO COUTO, LDA.

AREIA DRAGADA
E AREIA FABRICADA

EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ESTRADA REGIONAL, N.º 34 ◆ 9600-214 RIBEIRA SECA RGR
TEL.: 296 470 410 ◆ FAX: 296 470 419

Aos novos VI

A Educação

O Padre Américo - Fundador das Casas dos Gaiatos



O Padre Américo, nome por que é vulgarmente conhecido, nasceu em Galegos, Penafiel, a 23 de Abril de 1887 e faleceu

no Porto, em consequência de um desastre de viação, a 16 de Julho de 1956, dia em que a Igreja comemora a Virgem do Carmo.

Sentindo vocação sacerdotal, teve de enfrentar a oposição do pai, que o encaminhou para o comércio.

Trabalhou em Moçambique dos 18 aos 36 anos e só em 1941 foi ordenado padre em Coimbra.

Consumiu toda a sua vida sacerdotal na diligência de salvar os ricos pelos pobres, levantando estes da miséria, com o auxílio daqueles que consciencializou para o ideal cristão: Amar em obras e em verdade!

Três obras bem assinaladas, ou três catedrais levantou: casas do gaiato, Património dos Pobres e Calvário. Catedrais vistosas e ornadas de vitrais, deixando transparecer para fora, a riqueza que lhes ia por dentro. Alguém escreveu que «os seus antigos construtores, gastavam a vida no seu nobilíssimo ofício. Quantos terão compreendido o alcance humano e espiritual da sua acção?

Quantos ao colocar as pedras, se aperceberam do fruto do trabalho das suas mãos que perduraria pelos séculos fora, reuniria dentro de si sucessivas gerações, contemplaria expressões de fé e de arte, seria o pólo do gozo estético para milhões de turistas dos nossos dias?».

Belas e empolgantes, são sem dúvida, figuras desenhadas no tempo das comunidades espirituais para que se destinam, pois a Igreja somos nós todos, pedras vivas do tempo de Deus. Mais, com mão acertada, transpor e elevar para um plano superior, espiritual o que surpreendemos no material. Em vez de catedrais de pedra e cal, legou aos homens do seu tempo e a todos os vindouros, a sua vida que consumiu, como construtor e animador das almas que levava para Deus, servindo os irmãos carecidos.

Neste primeiro artigo sobre o Padre Américo, não me afastarei da primeira catedral por ele levantada e que foi a casa dos seus rapazes: A casa dos gaiatos. Pugnou, correu, pediu e, antes do seu Jornal O gaiato, escreveu amiúde para o *Correio de Coimbra*.

E é esta catedral humana e personificada que os nossos jovens, quasi turistas sempre a correr o mundo deviam visitar, olhá-la com muita atenção, como se fosse um quadro mestre depositado em museu e que importa aos nossos jovens, confirmados na fé pelo Espírito, copiar.

A comemoração das jornadas mundiais da juventude, XVII na ordem cronológica, reuniu em Toronto, metrópole de grande emigração açoreana, 250 jovens (só os inscritos), acompanhados de três bispos



portugueses.

Foi um verdadeiro encontro de comunhão eclesial, na mensagem que passou aos Média, a força do testemunho da fé da nossa juventude, acreditando na Igreja e ouvindo o Papa – coragem.

Na realidade e já passou como facto à História, a primeira catedral erguida pelo bom Padre Américo, foram as Casas do Gaiato. A casa dos pais que lhe transmitiram a vida, em Penafiel, era a maior da freguesia. A dimensão marca-lhe para as grandes obras, como grande aventureiro humano. Pretende igualmente levantar uma grande habitação que albergaria tantos seres humanos que a não possuem, com o acolhimento e amor que só ela sabe transmitir. Quer ser padre, sem família a acompanhá-lo, livre, quer com o seu sacrifício, uma casa à sua moda, para agasalhar os marginalizados. O dinheiro que constituía o seu património, algum deo aos pobres e o restante ao Senhor Bispo-Conde, D. Manuel Luís Coelho da Silva, prelado diocesano, (conde era título honorífico concedido aos bispos de Coimbra por D. Afonso V).

Ordenado sacerdote, apaixonou-se pela pobreza errante das ruas de Coimbra. À religiosa que lhe servia o pequeno almoço na capelania da Casa de Saúde, onde celebrava costumava dizer: Este é para mim. Traga também para os meus pobrezinhos. E metia um ou dois pães nos bolsos da batina para matar a fome ao primeiro mendigo que encontrasse.

O seu grande apostolado começou em Coimbra, através da *Sopa dos Pobres*, criação do Senhor Bispo-Conde e por este inaugurada em 19 de Março de 1932. É curioso que por estes anos, também em Beja, o prelado diocesano, D. José do Patrocínio Dias, instituiu em pleno Alentejo, na cidade diocesana, a sopa dos pobres, estamos na era dos lactários, apenas às cozinhas económicas, de autêntica inspiração Cristã.

Está pois em marcha, uma autêntica revolução pacífica. Aos apelos dirigidos no *Correio de Coimbra*, surgem ofertas de todos os lados, vêm de todos os pontos do país, de avião, vapor, de comboio, de

automóvel, carro de bois, por mão própria, géneros alimentícios, roupas, artigos escolares, e por tal forma que o já referido prelado de Coimbra chama o Padre Américo a contas e ouve-lhe a resposta: nas as tenho nem as faço e D. Manuel Luís lhe observava apenas: a sua vida é um mistério! E realmente foi uma vida de mistério e amor. Aparece na hora exacta o Jornal *Gaiato*, é a tribuna e púlpito do Padre Américo, o veículo que leva ideias e projectos, com frases sintéticas e simples, palavras incisivas de vida, gritando dores escondidas e agonias ocultas, era um jornal diferente de todos os jornais, que calava no fundo dos corações.

A casa do gaiato nasceu em Coimbra! Comprou-a sem dinheiro na mão por 40 contos em Miranda do Corvo por Julho de 1939. Começou com 3 rapazes mas o número foi subindo.

Aqui centra-se uma pedagogia diferente de todos os internatos e a que me referirei especialmente no próximo número, pois é obra dos rapazes que tudo fazem porque não há criados, os mais velhos cuidam dos mais novos.

Como se pensou na casa de Paço de Sousa? Um pequenito chegado a Miranda do Corvo e a quem se dissera não haver lugar para ele, foi o rastilho. Não me mande embora, respondeu o pequenito, arranje outra casa e assim foi, nos fins de 45, estavam estabelecidas três comunidades em três casas: Miranda, Paço de Sousa e Porto com respectivamente, 45, 103 e 50 rapazes. À semelhança do Evangelho, foi o grão de mostarda e o fermento que romperam com a massa. À roda da Casa-Mãe, Padre Américo começou a construir um aglomerado

de casas, para viver em cada uma delas, uma família de gaiatos, pois a família é a chama que está sempre a crepitar.

A camaradagem foi sempre uma benção destas casas, é um modelo próprio, creditado por experiências muito acertadas. E foram por muitos lugares-chave para trabalhar com os pequenos que não tinham lar.

Seria muito longo começar todos estes focos de humanismo e por isso vou passar aos Açores.

Diante de mim, *O Apóstolo da Rua*, Jornal da Obra do Padre Américo nos Açores, é o numero 396 de Outubro de 1993. A transcrição que faço é de homenagem ao bispo que me crismou e ordenou padre em 1945 visitando a Ribeira Grande por duas vezes no seu longo episcopado de 29 anos em terras açoreanas.

«A casa do gaiato dos Açores nasceu no coração de um bispo - D. Guilherme Augusto. O mesmo é dizer - no coração da Igreja.

Os órfãos e abandonados, os pobres e marginalizados, os infelizes e esfomeados, os feridos da sociedade sempre estiveram no centro dos cuidados da Igreja, na sua acção pastoral.

As mais belas parábolas do Mestre da Galileia, a do Bom Samaritano e a do Bom Pastor, têm sido de facto o móbil da acção dos cristãos através dos séculos.

As obras de Misericórdia são os canais pelos quais a Igreja ensina o amor a Deus na pessoa do pobre.

Quando nos primeiros meses de 1952 o Srº Bispo deixou transparecer a todo Seminário de Angra - 192 alunos - o seu desejo ardente de olhar pelos Rapazes da Rua da sua Diocese, foi como o lançar da primeira pedra das futuras casas do gaiato dos Açores.

No púlpito deste Jornal Pai Américo fala de como veio a nascer a casa do gaiato de Portugal.

Padre Elias foi. Aprendeu e começou em Ponta Delgada no dia primeiro de Outubro de 1952. Passados quarenta anos ela é tão necessária e actual como então. De farrapos tem feito homens úteis à sociedade. De marginalizados irmãos».

Além das casas do gaiato, património dos Pobres e calvário, foram instituições que lhe saíram do coração.

Finalmente: Beatificação a caminho! Desenvolver estes objectivos, o que me proponho no segundo artigo a seguir e a terminar este.

Padre António Rocha

ala boote bar

Boa Gastronomia com o Mar Como Horizonte

Largo East Providence, 68 - Ribeira Grande - Telef. 296 473 516 - Fax 296 473 023



Professor Doutor Luís Andrade

Depois do 11 de Setembro

Terrorismo

HT - Que significa terrorismo? Haverá um meio deveras eficiente para o combater?

LA - Este ano, estivemos num Seminário na Virgínia, em Norfolk, no âmbito dos 19 países da Aliança Atlântica, em que o tema fundamental foi o terrorismo. O problema que se colocou desde logo foi o de como defini-lo. Ao fim de uma hora ou duas de tentativas abandonou-se essa ideia, porque cada país, ou cada pessoa, tinha uma definição ou conceito diferente sobre o mesmo. Entendeu-se então trabalhar-se na melhor forma de o combater. Aqui também houve variadas posições, desde o combate económico, ou seja, o isolamento económico; o combate ao chamado *ciberterrorismo*, isto é, através da Internet, por exemplo, controlar transferências bancárias, e, em último caso, a forma militar mais eficiente de o eliminar. Mas posso dizer que não existem fórmulas perfeitas para definir e combater o terrorismo.

Iraque, Cimeira de Joanesburgo e o unilateralismo norte americano

HT - Saddam Hussein foi amigo dos norte americanos para fazer guerra contra o Irão. Como se compreende essa reviravolta americana em querer combatê-lo?

LA - São mudanças que derivam do facto de que no âmbito da política internacional serem os interesses que comandam. Não quero dizer com isso que sou adepto, cem por cento, do *realismo político*. A nível internacional não existem amigos, existem interesses. Defendo que em qualquer sistema, qualquer Estado procura, em primeiro lugar, defender os seus interesses, independentemente desses interesses poderem ou não serem conciliáveis com aspectos éticos e morais.

HT - Observa-se uma grande agonia por parte dos americanos para intervirem no Iraque no sentido de coarctar as suas ambições quanto a armas *maciças*. Nessa agonia também não haverá o interesse de controlar a questão do petróleo na zona, uma vez que grande parte das reservas mundiais nela existem?

LA - Não há muito tempo, num canal de televisão britânico, um especialista, em política internacional, dizia que talvez o grande interesse, eu não tenho grandes dúvidas, dos EUA nesse desejo constante em intervirem no Iraque, obviamente que existem outras razões, seja o petróleo. Como se viu com o problema da Guerra do Golfo, o interesse fundamental relacionava-se com o petróleo.

HT - A Cimeira de Joanesburgo mostrou que interesses políticos e económicos estão em primeiro lugar do que valores de outra ordem, nomeadamente os ambientais, portanto, interesses notoriamente enquadráveis nesse *realismo político*?

LA - A recusa dos EUA em subscrever o Protocolo de Quioto, que tem a ver sobretudo com questões ambientais, revela que os interesses económicos, e obviamente políticos, se sobrepõem aos outros interesses do Planeta, o que é gravíssimo. De facto viver num mundo unipolar é perigoso.

HT - Qual a sua posição relativamente a um ataque unilateral dos EUA ao Iraque?

LA - Os EUA se atacarem o Iraque não o deverão fazer sem serem legitimados por uma Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Isto é fundamental. Aliás, como dizia o Presidente Jacques Chirac, e outros líderes europeus e mundiais, antes de haver uma intervenção militar, que haja uma legitimação por parte da ONU, que, como sabemos, representa a quase totalidade dos países do Planeta. Isso não acontecendo, não concordo com o ataque unilateral dos Estados Unidos ao Iraque.

União Europeia: Política de Segurança Comum

HT - Reconhece vantagens quanto à existência de um *equilíbrio de poder*, no sentido de se evitar que os Estados Unidos da América sejam os únicos a

comandar os destinos do Planeta, inclusive, com o risco de ser à revelia das Regras Internacionais. Que papel dar, então, à União Europeia?

LA - É o que quero e mando. Todavia, em termos económicos não será bem assim. Em termos militares e de segurança é um pouco assim, porque a Europa, depois de Maastricht e de Amesterdão, e mais recentemente, depois da Cimeira de Helsínquia, procura implementar uma Política Externa e de Segurança Comum [PESC]. Mas isso, em meu entender, ainda levará algum tempo a ser implementado, porque a Europa é constituída por Estados soberanos desde há séculos, os quais têm histórias muito antigas e culturas a preservar. Por exemplo, a Grã-Bretanha, França e Alemanha não querem prescindir das suas soberanias, isto é, da capacidade de decidirem do ponto de vista militar, onde podem e querem actuar, porque têm interesses a salvaguardar.

HT - Quer isso dizer que a Europa continuará a precisar do *amigo americano*?

LA - Em Julho de 2002, estivemos numa Conferência, na Academia Francesa de Saint Cyr, e essa questão foi levantada. Houve várias interpretações em relação a ela. Os franceses tiveram uma posição forte no sentido da Europa se tornar, o mais rapidamente possível, 'independente', do ponto de vista militar, dos EUA. Foram citados vários exemplos, concretamente a Bósnia e o Kosovo, em que a Europa foi incapaz de sequer tentar resolver o problema, por causa de tendências, interesses ou perspectivas divergentes. Foi necessária a intervenção dos EUA para se ultrapassar, o melhor possível, os conflitos na Bósnia e mais tarde no Kosovo. Por outro lado, a Grã-Bretanha continua a insistir na necessidade de se manter o elo transatlântico, sobretudo no âmbito da NATO.

Base das Lajes e o Novo Acordo de Cooperação

HT - No contexto da geoestratégica norte americana qual a actual importância do Arquipélago dos Açores?

LA - A importância dos Açores, do ponto de vista geográfico, é imutável. No entanto, conjunturalmente essa importância pode ter facetas diferentes. Na sequência do 11 de Setembro temos, por exemplo, o combate ao terrorismo. O apoio que a base das Lajes presta é sobretudo logístico, nomeadamente no reabastecimento de aviões. Qualquer conflito que exista na Europa, no Norte de África, no Médio Oriente e até mesmo na Ásia é evidente que vem reforçar a posição estratégica dos Açores, se bem que a guerra seja sempre condenável.

HT - As contrapartidas do *Acordo da Base das Lajes* passaram de financeiras para uma cooperação técnico-científica e militar. O que concretamente tem vindo a acontecer no âmbito do actual *Acordo*?

LA - O *Acordo* em vigor é de 1995. Infelizmente para nós acabaram-se as contrapartidas financeiras devido ao facto do Congresso dos EUA ter entendido que Portugal já não era aquele país tão pobre que foi durante muito tempo, uma vez que é membro de pleno direito da União Europeia, com acesso, por exemplo, a fundos estruturais. Nós recebíamos até princípio da década de noventa cerca de 40 milhões de dólares. Com o recente *Acordo* tem havido cooperação técnico-científica, o que é importante, com o Governo Regional e com a Universidade dos Açores, nomeadamente nas áreas da agricultura, pescas, vulcanologia, oceanografia, etc. Também temos vindo a insistir, quanto a nós de um modo insuficiente, para que os americanos adquiram mais produtos regionais, sobretudo produtos da Ilha Terceira: queijo, leite, carne, entre outros. Não podemos dizer que não há cooperação, o que pretendemos é que haja mais. Por outro lado, não se deverá esquecer que é também um acordo de cooperação militar, situação que tem vindo a acontecer junto das forças armadas portuguesas.

Em 1989, com a queda do Muro de Berlim, entrou-se numa Nova Ordem Internacional, protagonizada, essencialmente com base no poderio militar, pelos Estados Unidos da América. Em 11 de Setembro de 2001, já muito depois de concluída a sua fragilidade, parece que essa Nova Ordem ficou radicalmente perturbada. Digamos que o ataque às Torres Gémeas, em Nova York, bem no coração norte americano, terá sido a confirmação dessa grande Desordem Internacional que todos nós temos vindo a assistir, e, em simultâneo, dizem que em acto sacrificial, um golpe feroz, na expressão de um autor, no *planeta americano*. O Professor Doutor Luís Manuel Vieira de Andrade, académico da Universidade dos Açores, especialista em assuntos internacionais, membro da Assembleia Municipal ribeiragrandense, um grande apaixonado pela Cidade de Ribeira Grande [nela tem vivido há largos anos], contactado pelo *A Estrela Oriental*, fala um pouco sobre o recente rodopio internacional, o qual persiste em se ajoelhar ante o evangelho de Bush, pai, o obreiro da Nova Ordem Internacional, porém, sabendo que o mundo, após o 11 de Setembro, caminha, em velocidade alucinante, para uma convulsão sem precedentes. De facto, uma ambivalência vasta e complexa.

Os quês e os porquês

Um soluço nunca vem só

ponte@aer.com



Deixou cair o corpo, amolecido, pela tarde cálida de Outono, à mesa da esplanada. Acenou ao empregado, num gesto lânguido e apático, para que lhe tratasse da sede. Pouco depois, derramava uma cerveja bem gelada no copo de vidro baço e levava-a, lentamente, aos lábios secos. Sorveu um trago longo e farto de frescura e espuma. De repente, a sua letargia foi abalada por um estremeção, ao mesmo tempo que um estranho ruído lhe saltava algures das entranhas. Um soluço nunca vem só, pensou. E logo outro soluço lhe sacudiu a existência.

Preparava-se já para suster a respiração, quando mais um abanão lhe baralhou as ideias. Aquele soluço, banal e irritante como todos os outros, por qual-

quer razão caíra-lhe no goto. Que coisa insólita, aquelas sacudidelas sem nexo, aqueles grunhidos descabidos! Toda a vida soluçara sem saber como nem porquê. Abandonou a cerveja à sua sorte e pôs-se a observar, intrigado.

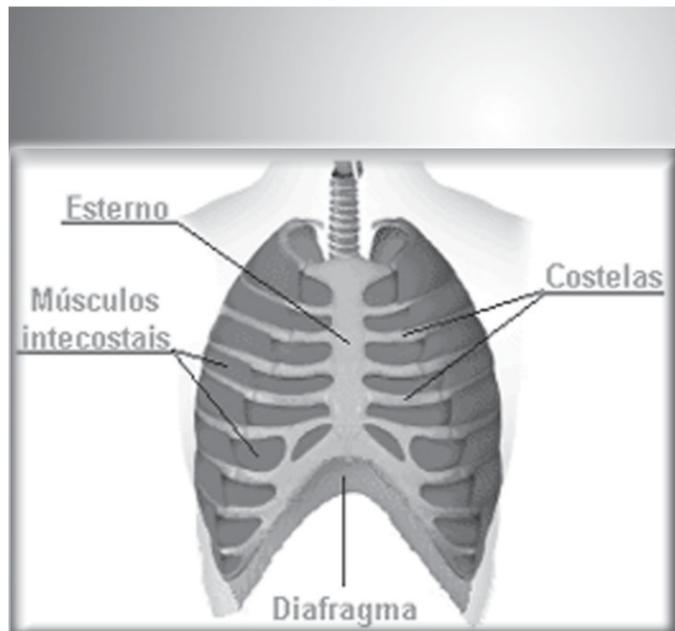
De poucos em poucos segundos, um soluço. Ao ritmo de uns seis ou sete por minuto. Reparou que a barriga se retesava e espichava para fora, enquanto todo o tronco estremecia. Se fechava a boca, abafava o ronco, mas sentia na mesma um puxão arranhado na garganta. Percebeu que o soluço era uma espécie de respiração alterada, incontrolada. Parecia uma tentativa de inspiração brusca e fora de horas. Mas continuava a soluçar, sem saber bem porquê, havia alguns minutos. Será que levo o resto da vida nisto, interrogou-se. Já o cansaço lhe invadia o corpo, quando deixou de soluçar.

Pagou a cerveja, rapidamente, e deu corda aos sapatos, direito à enciclopédia que havia lá em casa. Viajou avidamente por todos aqueles calhamaços, entre soluços e glotes, espasmos e diafragmas. Estava lá tudo. Ou

quase tudo. O actor principal da história era o diafragma, um músculo que separa os pulmões e a cavidade torácica do estômago e intestinos. O diafragma, normalmente bem comportado, de vez em quando irritava-se. Por exemplo, quando sentia uma cerveja gelada cair repentinamente no bucho. Ou quando sentia o estômago muito dilatado. Nessa sua irritação, o músculo entrava em contrações involuntárias. Cada espasmo levava à expansão repentina dos pulmões e à inspiração brusca de ar. O ruído era provocado pela passagem rápida e inesperada do ar na glote, a porta de entrada de ar para os pulmões.

Naquela noite, jantou comedido para não afrontar o diafragma. Com o cansaço do dia, deixou-se cair na cama. Respirou profundamente, mas agora com conhecimento de causa. Lá estava o diafragma, nas suas funções normais, ajudando a encher e a vaziar os seus pulmões. E adormeceu sem mais soluço. Diafragma e tudo.

Rui Melo Ponte



**Veja onde se situa
o agente provocador
dos soluços**

Até dá gosto

Gelado para Amália



Ingredientes:

100g de amêndoa laminada e torrada.

100g de chocolate de culinária partido aos pedacinhos.

250g de natas batidas com 3 colheres de açúcar.

3 claras batidas em castelo com 3 colheres de açúcar.

Execução:

Misturar todos os ingredientes deixando um pouco de amêndoas e chocolate para decorar o gelado.

Levar ao congelador.

Otilia Botelho / Rafaela Cardoso

Nortadas

Casal Ventoso

Todos os anos, apesar da indignação generalizada dos utentes das Poças e do coro de protestos da vizinhança, por alturas da festa do Sagrado Coração de Jesus da Matriz de Nossa Senhora da Estrela, é sagrado, tão sagrado como as Divinas Escrituras, levanta-se por quatro ou cinco dias um indescritível Casal Ventoso na rua do Castelo. Além da poluição sonora, pimbalhadas & pimbalhadas 'a bater com um pau', produz lixo da pior espécie. E, como sempre, quem suja não limpa. Não poderiam ir *curtir* para o Sarragaço, ou para a última onda!

Café Oceanus

Abriu, salvo erro em Julho ou em Agosto, na esquina das ruas de Sousa e Silva e Conde de Jácome Correia, no local de uma antiga tasca, no rés-do-chão de um dos primeiros blocos de apartamentos construídos na Cidade, um simpático café, que dá pelo nome de Café Oceanus. É um oásis, calmo e acolhedor, no meio de uma das artérias mais esclerosadas de toda a Cidade. Boa sorte à sua proprietária.

Sintético já!

O Ginásio Clube da Ribeira Grande, agremiação desportiva que muito nos prestigiou, no arquipélago e no continente, encerrou as suas actividades porque a promessa de um Parque Desportivo chegou 'tarde e a más horas'. As proezas futebolísticas dos nossos clubes, nos idos de 70, 80 e 90, que honraram a terra, acabaram, em grande medida, por não haver condições

materiais de treino. No preciso momento em que se assiste ao 'renascer das cinzas', pelos vistos, estrangulam-nos de novo! Tratem já de equipar o campo da Ribeirinha ou o da Escola Secundária com o sintético prometido, e deixem-se de tretas! Neste momento existem nove equipas em funcionamento. Entendam-se!

É preciso ter lata!

A ilha usou e abusou do Arcano, todavia, agora que o quarto do Arcano precisa de um mísero sobrado, a ilha assobia e olha para o lado. A ilha usou e abusou da Caldeira Velha, impropriamente designada por Cascatas, ao ponto de os *indígenas* terem desistido de lá ir, agora que urge salvá-la, a ilha assobia e olha para o lado, tal como fez com o areal destruído, com a água espatifada, etc.. Afinal, parece que a Ribeira Grande não fica numa das ilhas da Região Autónoma dos Açores. Tenham vergonha e devolvam-nos a Caldeira Velha. Mesmo que este protesto não dê em nada, como de costume assobia-se e olha-se para o lado, ao menos fique lavrado o protesto a fim de que os nossos vindouros saibam que nem todos olharam e assobiaram para o lado!

Jorge Rita

Atleta de peso, recentíssima aquisição dos veteranos do Ideal, ganadeiro competente, neto paterno de Mestre Rita, o homem a quem a Ribeira Grande deve o alargamento da ponte do Paraíso, ganhou estrondosamente a presidência da Associação Agrícola de São

Miguel. Com ele à frente, os lavradores podem ter a certeza que os seus destinos estão em boas mãos: mãos capazes e fortes como tenazes de rija têmpera.

Veteranos do Ideal e do Águia

A nata, a fina flor, dos artistas da bola que nos anos setenta e oitenta deslumbraram a ilha e a Região com o seu incontestável talento, agora robustos mas saudáveis trintões, quarentões e cinqüentões, teima em regressar aos 'pelados'. Não se julgue que foram fáceis de contratar. Um, para espanto e alívio do 'mister', exigiu treinos para o lombo e um lugar cativo no banco. Outro, um fogoso violino centro-campista, exigiu um lugar à defesa. Ainda outro, outrora, exímio ala esquerda, exigiu a baliza. Pena seria se o Joaquim, um vigoroso cinqüentão, segundo consta, não pudesse alinhar. Seria uma injustiça de bradar aos céus se não lhe arranjassem uma clausula especial?

Festival dos Moinhos

Foi literalmente um estrondoso sucesso, goste-se ou não do género musical, queixemo-nos ou não do ruído e do estercor. Alguns dos pobres veraneantes, na sua vilegiatura anual, desabafaram a *Maria Corisca* da desdita de um par de noites mal dormidas; coitados, porventura, queriam trocar o seu *infortúnio* com a *fortuna* dos moradores, entre outros, das ruas das Pedras, Direita, Estrela, Espírito Santo, ou seja, trocariam *de ânimo leve* duas noites mal dormidas por 365, em ano normal, e 366, em ano bissexto, mal dormidas? É pegar ou largar e não se aceitam

devoluções!

Cães e Gatos

Afinal os Cães pouco ladraram e os Gatos nem miaram! Há uns anos, a malta *pelava-se* pelas bandas: pelo fato e sapatos, passeios e comidinha; hoje, os seus rebentos, cultivados em outros acordes, envergando fatos e sapatos, pagos pelos papas, dispendo de passeios no Golfinho Azul, pagos pelos papas, e de muita comidinha sobre a mesa paternal, preferem outras bandas. Não há que teimar. Mudaram-se os tempos. A malta da pesada reparte-se entre o futebol e a 'rocalhada' e a música erudita.

Câmara de Comércio e Indústria de Ponta Delgada ao fundo

Esta centenária associação, a quem muito a ilha deve, perdeu recentemente a representação da indústria de construção civil e da de lacticínios, e não tardará em perder a representação do comércio, dito tradicional. Res-tar-lhe-á, porventura, a representação dos vendedores ambulantes de tremoços, favas assadas e de trempes e peneiras. Já há quem na Ribeira Grande comece a lançar a ideia de aqui se criar uma Câmara de Comércio e Indústria, a qual, segundo alguns, teria já sido implementada, não fora meia dúzia de temerosos comerciantes e industriais locais.

Autarcas de três conversas

No início, eles anunciam a obra, a meio, participam que a obra está a chegar ao fim, no fim, remetem os convites para a inauguração da obra. Conhecemos dois deste

cabedal: um, o eng.º Martins Mota, PS, Presidente da Câmara Municipal de Lagoa, outro, Rui Melo, PSD, Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca do Campo. Se o leitor, porventura, conhecer outros mais, faça o obséquio de nos comunicar, com gosto, daremos farta publicidade.

Banda larga ao largo

Dentro em breve, o acesso à *internet* tornar-se-á mais rápido para os utentes de quatro das cinco Cidades açorianas. A Cidade de Ribeira Grande, como tem sido hábito por parte da empresa promotora, tal como há anos, no tempo do defunto escudo, em que o acesso custava 80\$00 para aquelas e 1 800\$00 para nós, ficará a aguardar outra oportunidade. Por que será? Haverá menos utentes na Ribeira Grande do nas outras quatro Cidades? Ainda que assim fosse, o que não parece corresponder à realidade, não deveria aquela empresa tratar a Ribeira Grande com o respeito devido às Cidades?

Hiper Modelo

Consta que o Hiper Modelo, da Cidade de Ribeira Grande, é o segundo que mais vende em toda a cadeia Modelo na Região Autónoma dos Açores. Obrigádo por nos tratarem como Cidade.

Zona balnear em Rabo de Peixe

Só por alguma razão que a razão desconhece será possível admitir que Rabo de Peixe ainda não tenha visto concretizada esta necessidade. Estamos certos que o Luís Carlos não deixará cair a promessa em saco roto.

Reciclagens de Sabedoria (continuação da última página)

receita. Na centenária filosofia de vida: a saúde vai sempre indo. Bem poderia ser pior. E insiste: *Se nunca lhe ensinei nada, aprenda de mim esta que eu herdei dos antigos: qualquer coisa que nos aconteça na vida a gente deve aceitar e dizer a nós próprios: podia ter sido pior.*

A filosofia do Mestre Guilherme Pires contrastava demasiado com aquele cenário New England, para mais com uma universidade mesmo ali por detrás daquelas árvores. Eu vi o silêncio reticente no semblante de um moço já educado em *college* americano. Adivinhava-lhe as discordâncias ante aquele fatalismo ilhéu, e a catadupa de respostas a choverem-lhe no cérebro: *Deixe-se disso! O óptimo é inimigo do bom. The sky is the limit. Faz-se mira para mais alto do que é possível para se sair de onde se está. Quem olha para o chão nunca vê as estrelas.*

Naquele vácuo preenchido com sorrisos, eu tinha de agradecer a generosidade do Mestre Guilherme em transmitir-me a sua velha sabedoria. Conteí então a do outro

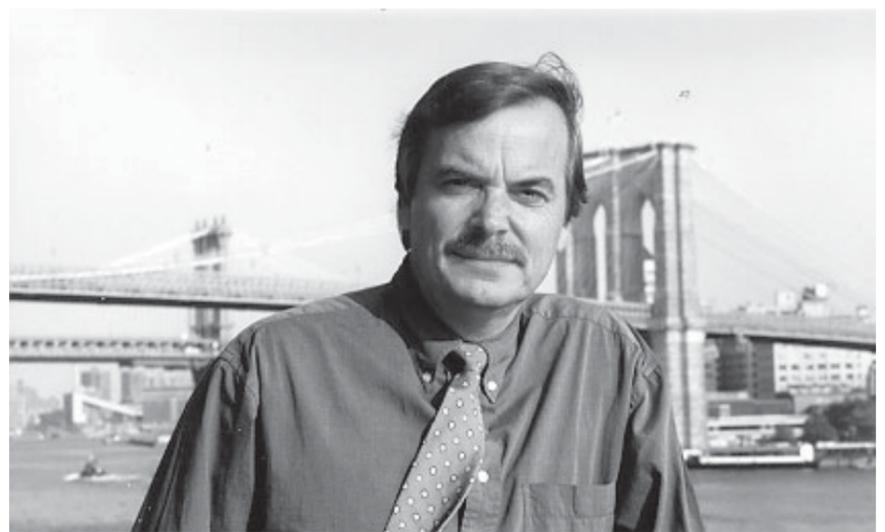
com idêntica capacidade de aceitar. Qualquer desgraça que se lhe contava tinha por eco inevitável o mesmo refrão: *Podia ter sido pior.* Um roubo, podia ter sido pior. Um desastre de carro, podia ter sido pior. Um abalo de terra, podia ter sido pior. Os amigos já não aguentavam mais. Um dia um deles declarou que ia haver espectáculo. Preparassem-se para serem testemunhas. Na tasca, volta-se para o eterno conformado:

- Sabes que o Costa da Alheta chegou a casa ontem, deu com a mulher na cama com o Maurício cantoneiro e sem mais aquela foi buscar a espingarda e matou os dois como estavam, Adão e Eva, estirados para sempre?

Sem se comover, olhar resignado, o nosso homem filosofou:

- Podia ter sido pior.

Coro unânime dos presentes em protesto. Vai bugiar! (evidentemente que não foi assim que eles expressaram a sua fúria polifónica na letra e no tom, mas não é preciso sermos excessivamente realistas).



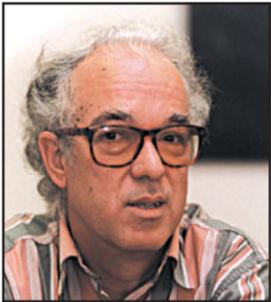
O provocador abeirou-se então do nosso sempre-conformado e desafiou-o. De uma vez por todas havia de acabar com essa treta se não explicasse já ali como é que uma tragédia assim podia ter sido pior.

- É que, se fosse na véspera, tinha sido eu!

Para o ano, se Mestre Guilherme Pires e eu formos ao piquenique da nossa terra ali em Bristol, *shôa* que vou dizer com ele: podia ter sido pior.

Crónica mal-humorada

Comportamento de 2ª classe



No tempo da guerra do Ultramar, um sargento apresentou-se ao capitão comandante da companhia para que fora destacado. Tinha uma folha de serviço notável, com várias laudas apenas à caderneta para poderem conter os louvores que recebera. Em vez do elogio que decerto esperava, o capitão, no mais puro vernáculo castrense, disse que aquilo não era de militar não era nada, porque um guerreiro a sério quer-se é com castigos e louvores, como ele, que os tinha muitos de uma espécie e de outra.

Sob esse ponto de vista, não terei sido propriamente um militar falhado. Na noite em que a CUF jogou hóquei em

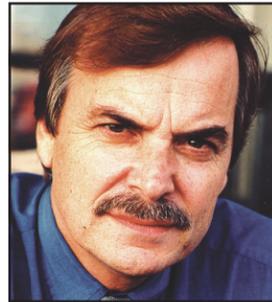
patins com a selecção de S. Miguel, fui chamado, em altos gritos, por uma vizinha do quartel para acudir à filha, que o genro ameaçava matar. Essa não seria bem a intenção do homem, que estava mais bêbedo do que Noé quando provou vinho pela primeira vez, mas a cena lá em casa parecia de um filme de cowboys. O mau da fita estilhaçou uma tigela contra o chão, espatifou a porta de um armário com um soco e prometeu levar tudo a eito. Fiz o meu papel como pude, fingindo-me duro à John Wayne, e o ameaçado passou a ser ele. Tive sorte: o desordeiro convenceu-se de que eu seria mesmo capaz de lhe partir qualquer coisa da sua descontrolada cabeça, e acalmou num instante. (Entretanto, um jornal de Ponta Delgada acabara de ser impresso com uma antevisão do final do encontro, referindo uma cena com muitas flores e abraços entre as duas equipas, e assim saiu na manhã seguinte. Mas qual quê!... Em vez de abraços o que dera fora pancadaria de meia-noite, com uma selecção de jogadores da CUF e de marinheiros continentais a baterem-se galhardamente contra atletas e espectadores micaelenses, e usando, em substituição das bem intencionadas flores, telhas do depósito da cerveja.) Eu poderia ter merecido um louvor por esta minha aventura, mas, como não mencionei a ocorrência no relatório da guarda, apanhei uma repreensão escrita. Para compensar, um tenente madeirense que embirrava com tudo o que fosse de capitão para cima e era o amigo ideal para os oficiais inferiores, sargentos e praças, deu-me um louvor pelos serviços prestados na Companhia de Mobilização. Fiquei, pois, empatado no deve e haver da caderneta, mas, ainda que recebesse vinte louvores e um punhado de medalhas, o meu comportamento, por causa da repreensão, ficaria para sempre, como ficou, de 2ª classe.

Não sei se isto pode servir de recomendação para a vida fora dos quartéis, mas há dias encontrei uma pessoa que, se fosse militar de carreira, com certeza iria já, mais ou menos, no seu centésimo louvor, e poderia exhibir, sempre que quisesse, um peito coberto de medalhas. Talvez porque se costuma dizer que quem não tem inimigos não é flor que se cheire (pois se até Cristo, sendo quem foi, os teve...), a personagem colecciona inimigos mais que D. Juan Tenorio amantes. Esquece, porém, que os inimigos só são recomendáveis quando é deles a culpa das más relações.

Sabendo de tantas pessoas boas de quem o dito não gosta, eu tinha alguma pena de que, quando me via, me chamasse “meu grande amigo”. Há algum tempo, soube que passara a odiar-me por algo que, sinceramente, em concreto nunca percebi o quê. Mas faltava-me a confirmação, que tive numa tarde de Agosto. E agora já posso dizer, em jeito de louvor de mim mesmo, que ele me detesta. O que é melhor recomendação ainda do que o meu comportamento de 2ª classe.

Daniel de Sá

Reciclagens de sabedoria



Esta manhã estive para não ir ao piquenique dos Amigos do Pico da Pedra. Chuviscava, a Leonor queria terminar um trabalho e eu deveria aviar outro que venho arrastando há dias. O tempo não convidava, mas isto é Nova Inglaterra e poderia estar bem pior. Como de repente é capaz de melhorar sem aviso prévio. Acabámos por ir.

Já repeti muitas vezes que a diáspora tem razões que Portugal não entende. As Casas dos Açores de Lisboa ou Porto são, para os açorianos, uma pequena pista no sentido de se entender o imperativo dos lugares de encontro no estrangeiro. Elas existem por todo o lado. No Rio de Janeiro, por exemplo. Ou em Montreal. Mas onde os açorianos abundam, como na Nova Inglaterra, uma Casa dos Açores não chega para albergar toda a gente. E no meio de tanto açoriano

por estas paragens quase nem faz sentido que exista. Quando pela primeira vez a ideia surgiu em Fall River, eu reagi: Para quê? Em Fall River seria melhor criar-se uma Casa da América. Naquela altura acho que tinha mesmo razão, tal era a força com que se vivia os Açores, com a América a passar ao lado, por baixo e por cima, quase sem tocar a vida de muita daquela gente. Hoje a Casa dos Açores da Nova Inglaterra existe. A maioria dos encontros, porém, acontece entre grupos provenientes de cada ilha e, mais particularmente ainda, de cada freguesia e vila. Os Amigos da Vila Franca, do Nordeste, de Rabo de Peixe, das Capelas. E do meu Pico da Pedra, cujos ex-habitantes se reúnem duas vezes por ano. Abancam umas quatrocentas pessoas numa sala de jantar, em Outubro, normalmente com convidados especiais lá da terra. A outra, em Junho. Um piquenique num parque abastadamente aconchegado de verde, com a baía de Narragansett ao fundo. Mesmo em Bristol, para onde metade do Pico da Pedra veio nos anos sessenta juntar-se a outros patrícios que para lá se haviam mudado

ao longo de mais de cem anos. Cristóvão de Aguiar, que ali tem a mãe (ainda foi ao piquenique) e os irmãos, fala obsessivamente dessa vila de Bristol no seu diário *Relação de Bordo*.

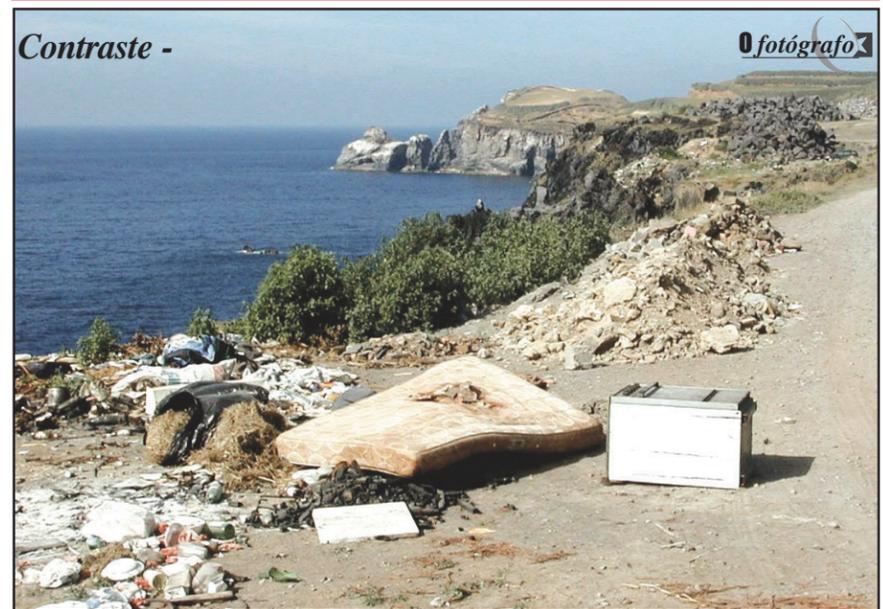
Este ano o calendário apanhou-me por cá na altura certa e não podia falhar a esse mergulho. Não vale acrescentar “no passado” porque não é só dele que se fala. A vida continua e o Pico da Pedra é memória doce, não um corte doloroso, por mais que o tenha sido no acto de acontecer. Ressabe-se de todos. O que fazemos agora e por onde se aventuram filhos e (caramba!) netos. Limpa-se a garganta ao evocar a memória dos que ainda há poucos anos conviviam ali conosco – o centenário José Duarte Carreiro, o Geraldo Cabral, o mestre José Maré... para vir logo o inevitável *caveat*: Quem sabe se para o ano vamos estar todos aqui...

Mestre Guilherme Pires foi quem saiu desta vez com a cautelosa sentença. O mesmo vagar e melodia cadenciados na voz, as pílulas de sabedoria a que de miúdo me habituei. Moderado sempre. Cautela, muita cautela e caldos de galinha nunca foram má

(Continua na página 11)



Paraíso



Lixeira



Modelo

Custa Pouco
Viver Melhor

Ponta Delgada - Horta - Angra do Heroísmo - Praia da Vitória - Ribeira Grande



Coordenação: Filomena Moura, Gisela Correia e Carina Sousa

Editorial

Viva pequenada!!!
 Que tal o regresso às aulas? Aposto que já aprendeste muito e que já tens novos amigos. Sabes em que estação do ano estamos? Isso mesmo..., no Outono, a estação mais amena do ano. As folhas das árvores envelhecem e caem. Há um aroma diferente no ar. O cheiro a castanhas quentes espalha-se pelas ruas... Mas no mês de Outubro não só acontece a mudança de estação como também se comemoram feitos muito importantes no nosso país. A 5 de outubro de 1910 os portugueses descontentes com a situação do país,



levaram a cabo um golpe de estado que acabou com a monarquia.



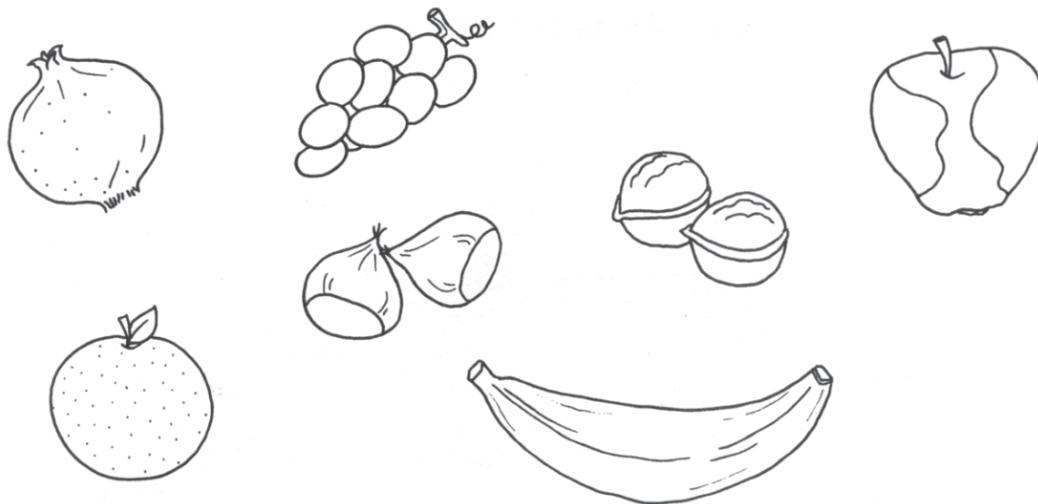
Ou seja, o país deixou de ser governado por um rei para ser governado por um presidente eleito pelo povo. Então, gostaste de ficar a conhecer algo mais sobre este mês? Olha, acredita que para o próximo mês traremos novas curiosidades... Aproveitem o que o mês vos oferece!!

Quentes e Boas

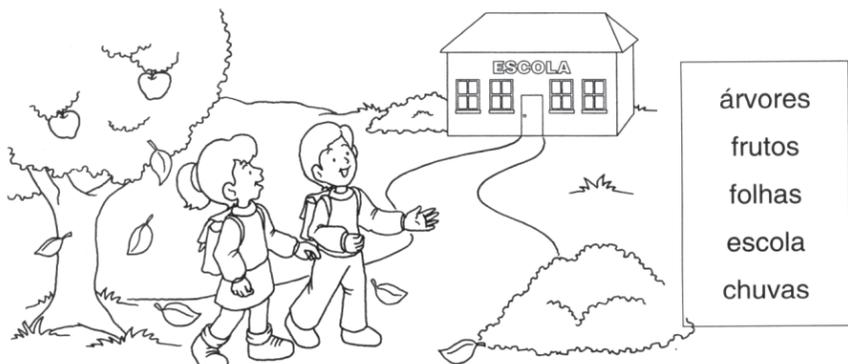
-Quentes e boas! Quentes e boas!
 Lá vem o comboio coxinho a deitar tanto fumo!
 -só dez!
 Dez num funil de jornal velho. Tão quentes! Tão boas! E está tanto frio...
 -Quanto é?
 -50 cêntimos...
 O vendedor sacode ambas as mãos enfarruscadas, dando palmas. Eu estendo-lhe a moeda com a mão direita. A esquerda segura o funil com a ternura quente das castanhas.

Matilde Rosa Araújo (adaptado)

Pinta os frutos de Outono que preferes.

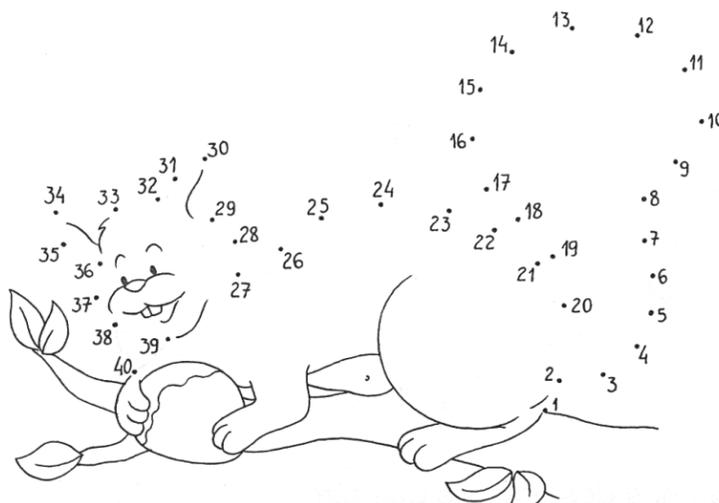


Observa e completa



No Outono as _____ caem das _____.
 Colhem-se alguns _____. Caem as primeiras _____.
 Começa a _____.

Descobre o nome do animal selvagem, unindo os pontos.



Fitas em rodagem

QUENTIN TARANTINO e Cães Danados (*Reservoir Dogs*) II



Como referimos no número anterior, a descontinuidade narrativa é um dos elementos estilísticos predominantes em *Reservoir Dogs* do realizador Quentin Tarantino. Manipulando a descontinuidade temporal com mão de mestre, Tarantino compõe o seu filme como um puzzle. No entanto, o seu labirinto narrativo não desorienta o espectador, mas mantém-no em «suspense» e torna-o um elemento activo e atento no processo narrativo. Como mecanismo para conseguir esse efeito, o cineasta centra a sua história em redor dos personagens e remete o enredo para um lugar secundário. É, portanto, através dos personagens que a narrativa nos é apresentada. Narrativa essa bastante simples. Seis homens, que não se conhecem entre si e usam nomes de código que parecem saídos da paleta de um pintor (Mr. Orange, Mr. Blue, Mr. Pink, Mr. Brown, Mr. White e Mr. Blonde), participam num assalto a uma joalheria. Mas alguém bate com a língua nos dentes e a polícia está à espera. Depois de um tiroteio feroz e de uma fuga desordenada e em direcções separadas, os sobreviventes chegam aos poucos ao refúgio. Aí, a procura do traidor leva-os a torturar um polícia cativo e a matarem-se uns aos outros. Apenas um escapa, levando consigo os diamantes.

Seis personagens a cores, mais o patrão, o filho do patrão, o polícia torturado e um polícia à paisana, sem contar com os figurantes, é muita gente junta para conseguir manter a narrativa coesa. Mas Tarantino não se atrapalha e concentra mais os seus esforços à volta de Mr. White (Harvey Keitel) e Mr. Orange (Tim Roth), que escaparam da joalheria juntos. Apenas um pequeno pormenor. Mr. Orange foi ferido no abdómen e está lentamente a esvaír-se em sangue.

O processo da morte de Mr. Orange é talvez o mais penoso que já vi no écran. Primeiro porque é um processo bastante longo. Mr. Orange começa a morrer no princípio do filme e só vem a expirar no último minuto da fita. Depois, porque essa lenta agonia traz em si todo o drama da finitude da vida humana, através do genuíno horror com

que Mr. Orange assiste à sua própria morte. Horror partilhado por Mr. White que sabe ser impossível a única alternativa que o poderia salvar: levá-lo a um hospital. O realismo gritante desse lento abandono da vida só é ultrapassado pela cena da tortura do polícia. Aqui a morte também está presente, espreitando mais brutal e violenta do que nunca, enquanto Mr. Blonde, um desequilibrado sádico e frio, procede alegremente à tortura do indefeso polícia, ao som do êxito popular dos anos 70 "Stuck in the Middle with You". Misericordiosamente, Tarantino desvia a câmara nos momentos mais explícitos da cena. Mas mesmo fora do écran, a tortura continua presente e explicitamente "visível" através da banda sonora, expandindo, assim, o espaço cénico para além da tela, tornando ainda mais vívido e agonizante o nosso testemunho impotente do que um ser humano é capaz de fazer a outro. O efeito no estômago é o mesmo que teríamos se assistíssemos à extracção do olho descrita por Boris Vian no seu livro *Outono em Pequim*.

Um filme que gira à volta da morte não poderia terminar sem que ela visitasse a tela uma vez mais no fim do filme. Desta vez, é uma morte elegantemente coreografada e até humorística. Dispostos em triângulo e apontando armas uns aos outros, os três participantes desse triângulo mortal abatem-se em sincronia ao som dos disparos. A encenação coreográfica desse triângulo mortal não é única neste filme. Quentin Tarantino move os seus personagens com uma precisão estudada, criando, através dos seus movimentos, motivos gráficos que por vezes fazem lembrar um teatro de sombras. Até que ponto houve a intenção da analogia entre a manipulação dos destinos desses personagens e a manipulação das sombras nessa tradição teatral do oriente é uma pergunta que fica no ar. De uma maneira ou de outra, a movimentação dos personagens aqui obedece a uma dinâmica que obriga as linhas de força da composição a uma movimentação contínua, mas precisa e cheia de intencionalidade.

A morte como agente catalisador de sentimentos é outro aspecto deste estudo "mortal" de Tarantino. A presença da morte cria uma forte e ambígua amizade entre Mr. White e Mr. Orange, que por vezes atinge conotações de um verdadeiro amor que acaba em desilusão e, como não podia deixar de ser, morte. A desilusão em que termina essa amizade é quase mais cruel que a morte, pois ambos os personagens se apercebem que os seus senti-

mentos assentam em premissas falsas e que a sua amizade era uma ilusão.

A dissecação da morte sob um prisma existencial não é o tema exclusivo de *Reservoir Dogs*. O código moral do sub-mundo do crime, a mente criminosa, a lealdade absoluta até às últimas consequências são outros temas que cruzam a narrativa deste filme, e que se inter-relacionam intimamente com o tema principal. Mas a análise do processo de construção de um actor dentro da chamada escola do "method acting" é digna de referência, não só pela desmontagem sumária das metodologias dessa escola de arte dramática, mas também pela maneira como se relaciona com o tema principal. Tarantino usa um dos seus personagens para proceder a essa desmontagem, fazendo uma alusão explícita a Marlon Brando e criticando até os excessos dos métodos dessa escola, quando encarados de uma forma fundamentalista. Um dos ladrões é afinal um polícia dis-

farçado, que foi ensaiado para representar o papel de ladrão. Mas, seguindo a filosofia do "method acting", ele assume a identidade de criminoso a tal ponto, que acaba por se identificar mais com a personagem de membro do gang que construiu do que com a sua própria identidade, e desperdiça as chances de se safar, tendo o mesmo fim trágico dos outros. Um problema conhecido dos actores que seguem esta escola, e que por vezes têm dificuldade de distinguir entre o seu verdadeiro "eu" e o dos personagens que são chamados a interpretar, embora sem as consequências trágicas do polícia deste filme.

Reservoir Dogs é um filme a não perder. Em vídeo ou no cinema é um filme que recomendo. É um filme para ver e digerir lentamente.

Manuel Bernardo Cabral



Paulo Miranda

Eschaton

Onde a noite acaba e a aurora surge,
os vampiros da trevas adormecem
e a paz retorna ao ignóbil túmulo.

Oh! Espíritos matinais, onde vos escondéis?
Que luz é esta que vislumbro na clareira sombria?
Serão ninfas? Fadas ou anjos?
Ou serão metafísicas bruxas do tempo?

Não! Não suporto esse mistério.
Tirem-me daqui a Verdade.
Sou humano, apenas simples mortal.

E vós; espíritos matinais dormentes,
se sabeis a Verdade, o enigma dos seres;
apartai de mim toda essa loucura.

HERDEIROS DE AGOSTINHO FERREIRA MEDEIROS, LDA

OBRAS PÚBLICAS - CONSTRUÇÃO CIVIL

Central de Britagem >> Fábrica de Blocos e Vigas >> Materiais de Construção >> Serração de Basalto >> Granitos

Estrada Regional, Nº 3/1ª Km. 10 Boqueirões - 9600 Ribeira Grande - Tel. 296 490 160 - Fax 296 490 167



A Ribeira Grande e o turismo I



O Turismo é um elemento estruturante da economia global, em larga medida traduzida no desenvolvimento da componente serviços. Se for implementado de forma sustentada, proporciona benefícios de longo prazo às economias locais. Implica uma rede complexa de actividades económicas envolvidas no fornecimento do alojamento, alimentação, bebidas, transportes e entretenimento. Em muitos países em desenvolvimento, o turismo é hoje um sector estratégico, ou está a evoluir nesse sentido. Outros países constituem destinos emergentes com um fluxo turístico modesto, mas crescente.

Pode afirmar-se que só num passado muito recente começou a existir a consciencialização por parte, quer do tecido empresarial quer por parte do Governo Regional, de que o turismo se afigura como peça fundamental para o desenvolvimento económico-social da nossa região. O facto de durante muito tempo não existir um plano estratégico de acção que definisse as linhas de actuação para o sector, no que respeita ao aumento da capacidade de alojamento, melhoria da rede de transportes, plano de marketing consistente e eficaz, condicionou de uma forma acentuada o desenvolvimento deste sector na Região Autónoma dos Açores. Outra das características do sector é a sua forte sazonalidade que condiciona uma actividade contínua e equilibrada por parte dos empresários ligados ao sector.

Observando o quadro I, que nos mostra a evolução da oferta hoteleira nos Açores nos últimos anos, pode verificar-se que existe um crescimento, sendo este mais significativo a partir de 1998. Os tipos de alojamento responsáveis por esta variação positiva foram os estabelecimentos turísticos em espaço rural, as colónias de férias/pousadas de juventude, parques de campismo, casas de hóspedes e alojamentos particulares.

No que respeita à distribuição geográfica do número de estabelecimentos nos Açores (gráfico I), constata-se que a maior parte dos estabelecimentos está concentrada nas Ilhas de S. Miguel e Terceira. No entanto, esta concentração tem vindo a perder peso ao longo dos últimos anos. Refira-se que em 1998 o peso destas duas ilhas no total era de 68% enquanto que em 2000 este valor desceu para 48%. Esta descida deve-se ao crescimento do número de estabelecimentos nas Ilhas do Pico e Faial.

A procura turística é fortemente influenciada por três componentes: o rendimento das famílias, o número de dias de férias e a estrutura etária da população.

Como se depreende da interpretação do gráfico II, a procura do destino turístico Açores é caracterizada por uma forte componente de turistas nacionais (cerca de 60%). No que respeita à procura proveniente do estrangeiro, as zonas de origem são os EUA e a UE.

De salientar que a partir do ano 2000 verificou-se um aumento dos turistas oriundos dos países nórdicos. Esta situação deve-se ao facto de existirem "charters" semanais para estes países, nomeadamente, para a Suécia.

Pode observar-se que o crescimento da procura acompanhou o crescimento da oferta, uma vez que foi nos anos em que existiu um maior crescimento em termos de oferta que a procura registou também uma evolução em maiores proporções. Vejamos: a taxa de ocupação dos últimos anos.

No quadro II podemos verificar que a taxa de ocupação tem evoluído favoravelmente ao longo dos últimos anos, isto apesar de ter existido um aumento considerável da oferta de camas.

Este aumento das taxas de ocupação tem originado um enorme crescimento das receitas provenientes do turismo. Refira-se que em 2000 as receitas das unidades hoteleiras ascenderam a 5,5 milhões de contos (27,4M).

Marco Sousa

Quadro I

OFERTA HOTELEIRA NOS AÇORES	1989	1992	1995	1998	1999	2000
N.º Total Estabelecimentos	51	52	59	71	157	136
Hotelaria Tradicional	51	52	59	59	53	52
Turismo em Espaço Rural				12	12	11
Outros					92	73
Capacidade Total de Alojamento	2.824	3.088	3.628	4.057	4.364	4.394
Hotelaria Tradicional	2.824	3.088	3.616	3.914	3.810	3.864
Turismo em Espaço Rural			12	143	149	146
Outros					405	384

Gráfico I

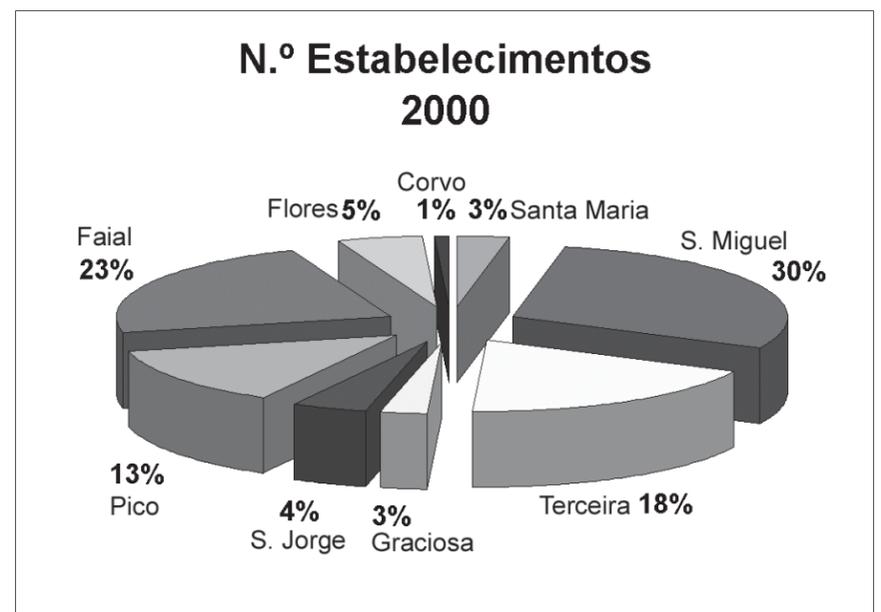
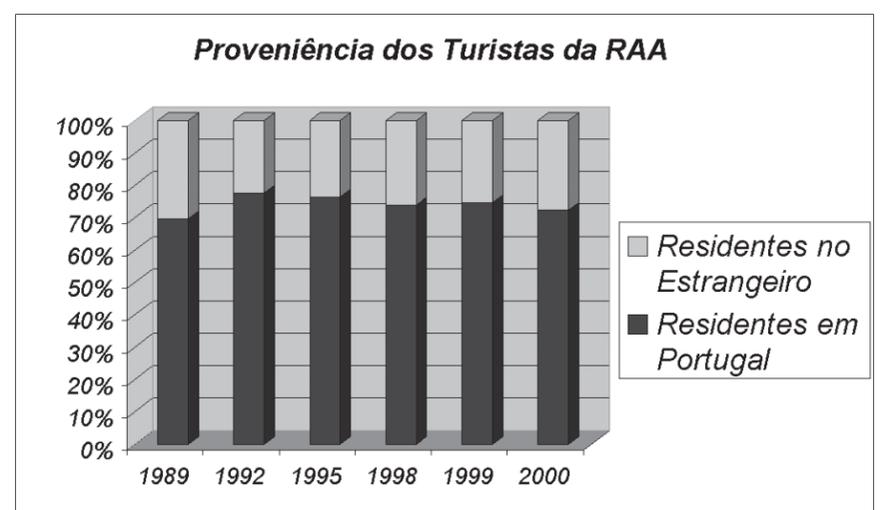


Gráfico II



Quadro II

Taxa de Ocupação	1998	1999	2000
Hotelaria Tradicional	32,4%*	37,7%	42,7%
Turismo em Espaço Rural		18,8%	18,1%
Casas de Hóspedes		12,2%	13,2%



Óleos

20% Desconto

e ainda

oferta da mudança de óleo

Nos seguinte produtos:

VISCO 2000

VISCO 3000

VISCO 7000

Melo & Melo

Promoções

Pneus

P a g u e 3 l e v e 4

e ainda oferta da montagem e calibragem para ligeiros com jantes 13 e 14 (válido até ruptura do stock)

MELO & MELO, LDA - Centro de Pneus
Todas as marcas de Pneus novos e recauchutados

ESTAÇÃO DE SERVIÇO *SELF - SERVE - LAVAGEM AUTOMÁTICA

Estrada Regional da Ribeira Grande - Telef. 296.472460 - Fax. 296.477400